



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE GEOGRAFIA

FABIO EVANDRO DENIG

A PRODUÇÃO DE TABACO NO OESTE CATARINENSE E SEU DECLÍNIO

CHAPECÓ, 2019

FABIO EVANDRO DENIG

A PRODUÇÃO DE TABACO NO OESTE CATARINENSE E SEU DECLÍNIO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal da Fronteira Sul como parte
dos requisitos para a obtenção do grau de
licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Alberto Scherma.

Chapecó - SC, Março de 2019

RESUMO

DENIG, Fabio Evandro. **A PRODUÇÃO DE TABACO NO OESTE CATARINENSE E SEU DECLÍNIO**. 2019. 49 f. Monografia (graduação) - Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.

O presente trabalho apresenta um estudo sobre a produção de tabaco no mundo e no Brasil, com enfoque no cultivo regional, ao qual buscou-se analisar a expansão e declínio na Mesorregião Oeste Catarinense, através de um recorte temporal entre os anos de 1988 e 2017. Entender como a produção neste período se comportou na Mesorregião Oeste Catarinense, os fatores que levaram a diminuição do cultivo, a expansão para outras regiões produtoras, o declínio da cultura em favor de outras que se tornaram mais atrativas neste período. Durante certo período, seccionando a produção a fim de diminuir as perdas e aproveitar o potencial das propriedades e alavancar a crescente demanda do mercado mundial.

Palavras-chave: Produção de Tabaco; Regiões Produtivas; Oeste Catarinense; Declínio;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
2. A PRODUÇÃO DE TABACO NO MUNDO E NO BRASIL	7
2.1. PRODUÇÃO DE TABACO NO MUNDO	7
2.2. A PRODUÇÃO DE TABACO NO BRASIL	10
2. REGIÕES PRODUTIVAS: A PRODUÇÃO DE TABACO NA REGIÃO SUL DO BRASIL E NA MESORREGIÃO OESTE CATARINENSE.....	15
3. DECLÍNIO DA PRODUÇÃO NO OESTE CATARINENSE	19
3.1. O OESTE CATARINENSE HOJE	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS:	39
ANEXO I.....	45

INTRODUÇÃO

O meio técnico-científico-informacional, segundo Milton Santos, descreve como sendo a importância e possibilidades de modificar o território, de onde partem as redes geográficas. As redes possuem relações com o território e podem ser estudadas com enfoque genético e atual (SANTOS, 1994), elas podem ser formadas por instalações em diversos momentos, que podem estar presentes na configuração atual e cuja substituição pode ser dar em diversos momentos.

O tabaco, antes da expansão para todo o planeta, se restringia a América Central e do Sul, onde os rituais dos índios era seu principal instrumento para o consumo, seu gosto era mais forte e era utilizado pelos pajés e líderes dos povos originários para tais fins.

Utilizado como remédio pela primeira vez na Europa, o tabaco transmitia sensação de alívio, onde era prescrito pelos médicos da época, a fim de evitar ou curar os males das pessoas, nos mais diversos casos que se acometiam à época, desde enxaquecas até úlceras no estômago e na pele.

Difundida para todo o planeta, a planta logo se tornou uma grande moeda e poder perante os governos que viam na planta uma forma de difundir uma nova cultura, de consumo e de grandes lucros para estes e para as empresas envolvidas, onde tal produção e consumos eram incentivados para a população.

No Brasil, a produção inicia-se no Nordeste, em segundo plano, por conta da grande expansão da cana-de açúcar, onde mais tarde migraria para novas regiões, com destaque para a Região Sudeste, com a primeira fábrica de cigarros no Rio de Janeiro (SOUZA CRUZ, 2018), e depois para a Região Sul, onde a planta encontrou o seu “lar”, para que ali pudesse se expandir e se tornar destaque em produção.

Na atualidade a abertura de novos mercados e centros de produção a partir das ideias neoliberais para o mercado, acarretou em novas ordens mundiais, que passaram a influenciar o mercado de consumo internacional tornando-o mais amplo e complexo, se observa nesse contexto que,

- “a difusão da ideologia neoliberal de ampliação dos investimentos externos diretos, de liberalização econômica, de promoção do livre comércio e de integração dos mercados nacionais e regionais, e de privatização de empresas estatais tem legitimado as ações e práticas econômicas das multinacionais e

orientado a expansão e a readequação de suas operações produtivas e comerciais na escala mundial;

- a adoção e difusão entre as subsidiárias das corporações multinacionais de modernas e flexíveis técnicas de produção, de circulação e de comunicação têm possibilitado melhores condições infra-estruturais e logísticas para uma maior fluidez no território de matéria prima, de insumos, de capital, de tecnologia e de informação entre as diferentes plantas industriais e demais empresas das corporações, entre elas e seus fornecedores e clientes, bem como têm também ampliado a capacidade de produção e os níveis de produtividade dos ramos do tabaco e do cigarro;
- a crescente abertura econômica experimentada pelos países do Leste europeu e pela China, com a consequente expansão do mercado e dos investimentos capitalistas em suas economias tem servido de estímulo para inúmeros investimentos realizados pelas corporações de tabaco nessas regiões;
- as políticas governamentais cambiais, fiscais, financeiras e industriais tomadas no âmbito das economias periféricas e semiperiféricas, visando atrair novos investimentos externos diretos das companhias multinacionais cigareiras e processadoras de tabaco, igualmente têm sido valorizadas pelas multinacionais na instalação ou ampliação de suas atividades nesses países, especialmente na América Latina e no Sudeste Asiático; e
- a ameaça da regulação futura dos negócios das corporações em seus países sede, e a busca permanente de proteção e de ampliação de seus ativos financeiros dos processos judiciais nos países centrais também tem levado as corporações multinacionais a deslocarem parte ou a totalidade de algumas de suas operações para os países semiperiféricos e periféricos.”(SILVEIRA, DORNELLES, 2010).

O capital investido pelas empresas em ramo global acelerou a demanda por produtos oriundos do tabaco, ampliando o leque de opções ao usuário de tabaco e incorporando novas tendências de uso. O uso de mão-de-obra barata em países menos desenvolvidos ajudaram as empresas a melhorarem o seu mercado e possibilitar a troca de mercadorias, diminuição no valor para exportação, o que encareceria o produto final, além de facilitar o transporte até o mercado consumidor final e de alto rendimento, uma maior obtenção de lucros oriundos do tabaco e consequentemente um aumento na qualidade, quantidade produzida e exportada além de desempenho do fumo para estes mercados.

O trabalho tem como objetivo apresentar dados que auxiliem em trazer de que forma a produção de tabaco na Mesorregião Oeste Catarinense teve queda no plantio, os fatores que levaram ao declínio da produção, além de apresentar quais microrregiões mantem o cultivo da planta em grande quantidade. O tabaco, como é cultivado, apresenta possibilidades para os produtores, mas também cobra um preço alto quanto ao uso de agrotóxicos e com esforço físico durante todo o processo de cultivo desta.

A metodologia utilizada na realização desta pesquisa desenvolveu-se através do levantamento e revisão bibliográfica, levantamento de dados econômicos, obtidos, em sua

maioria, no website do IBGE, além da produção de mapas temáticos utilizando a ferramenta de *software* QGIS e fotos retiradas da plataforma do Google Maps. A abordagem metodológica para análise do declínio da produção foi qualitativa, ao qual buscou-se os compreendidos segundo os dados quantitativos.

O trabalho se divide em 3 partes: a primeira com uma breve história do tabaco no âmbito mundial e no Brasil, na segunda parte com enfoque na Região Sul do Brasil e na terceira, um olhar sobre a região Oeste Catarinense, onde se destaca o principal foco da pesquisa. O Oeste Catarinense ainda abriga uma quantidade considerável de propriedades que cultivam o tabaco, mas em compensação, observa-se um declínio em sua área plantada, que migrou para outras regiões do Estado, ou foi suplantada por outras atividades agrícolas mais rentáveis.

2. A PRODUÇÃO DE TABACO NO MUNDO E NO BRASIL

2.1. PRODUÇÃO DE TABACO NO MUNDO

O tabaco é uma planta de família da *Nicotiana Tabacum*, tendo como principal função a de recreação em forma de droga lícita em forma de cigarro, cigarrete, charuto, drinks, cachimbos e narguilés, é uma planta originária da América do Sul.

Durante os rituais, o tabaco era amplamente consumido, servindo para os aborígenes uma forma de se comunicar com seus ancestrais, deuses e espíritos, entrando em transe, quando da aspiração do tabaco. (AFUBRA, 2018).

Sua disseminação ocorreu a partir da descoberta dos conquistadores europeus que, por sua vez, levaram as plantas e sementes junto consigo quando do seu retorno à sua pátria-mãe. Dentre os primeiros estavam os espanhóis ao se depararem com o consumo desta planta, encontraram formas de utilizarem-se dela para fins ditos medicinais. Seguindo a tônica, os portugueses, a partir da exploração do território que cabia a si no Tratado de Tordesilhas, também encontrou nesta planta uma forma de auxiliar em tratamentos médicos. (ROSEMBERG, s/d).

Partindo de Espanha e Portugal, o tabaco logo se difundiu pela Europa, sendo indicadas para vários males, desde úlceras, dor de cabeça, enxaquecas. Entrando na França, o tabaco logo se tornaria crucial na forma de abranger as pessoas ao seu redor, transformando a sociedade, que via neste produto, uma forma de se relacionar, mostrar status, ajudar nas discussões, hierarquizar os papéis dentro do molde social, onde quem era mais abastado fumava cachimbo e quem era menos, fumava o cigarro. (SOUZA CRUZ, 2018).

A globalização da cultura a partir da descoberta da planta na América do Sul pelos europeus culminou na rápida disseminação do tabaco pelo planeta. Hoje o maior produtor e consumidor de tabaco é a China, sendo que, sua produção não atende toda a demanda. Já o Brasil é o maior exportador de tabaco no mundo, no qual ocupa o segundo lugar na produção mundial. (AFUBRA, 2018).

O cultivo da planta é realizado principalmente em pequenas propriedades, como é o caso do Brasil, mas em alguns países, por exemplo, os Estados Unidos, as áreas de plantio superam os 50.000 hectares. (AFUBRA, 2018).

A cadeia produtiva do tabaco se mantém ativa durante todo o período, que engloba desde o plantio das sementes, passando pelos cuidados primários de poda, o transplante da muda do canteiro no qual foi semeado para o solo devidamente preparado com insumos (adubo, agrotóxicos de controle de pragas), o replante se necessário de plantas doentes ou atacadas por pragas, como lesmas e pulgões. Utilizam-se vários defensivos e tratamentos para a planta durante seu desenvolvimento, além do uso de fertilizantes nitrogenados, como a ureia $(\text{NH}_2)_2\text{CO}$, o cloreto de amônio (NH_4Cl) e o salitre-do-chile (KNO_3) . (AFUBRA, 2018).

A poda do tabaco serve para fortalecer a planta e melhorar a qualidade da folha, concentrando um teor maior de nutrientes nas folhas (AFUBRA, 2018), o que seria perdido se o pendão (flor da planta) permanecesse, retirando os nutrientes das folhas, onde é utilizado um agrotóxico que serve para cicatrizar o corte realizado para não haver novas rebrotas de flores de tabaco na planta. (SOUZA CRUZ, 2018).

O corte é realizado quando as primeiras folhas ficam amareladas ou com manchas amarronzadas, indicando o momento ideal de serem colhidas, onde é uma corrida contra o tempo para ser feito, no qual, a maioria das plantas que entram neste estágio é proveniente de um plantio sequencial e necessitam de um trabalho braçal intenso neste período. Durante a colheita, que é realizada nos períodos não muito quentes do dia, onde a planta se apresenta quebradiça nas junções da folha com o caule, ocasionando perdas na lavoura. O uso de galpões provisórios facilita o manejo na lavoura e o transporte para o galpão de uso mais apropriado até a separação das folhas em suas mais diversas classificações definidas pela empresa fumageira que assinou o seu contrato.

A produção de tabaco no mundo se relaciona diretamente com as políticas antitabagistas impostas pelos órgãos de saúde, mas encontra apoio em muitos setores governamentais, nos quais sempre aproveitavam que este produto tinha rápido mercado para garantir para si um pouco da política ao seu favor. (AFUBRA, 2018).

Tabela 1: Produção e Consumo Mundial de tabaco ano de 2012 (Mil Toneladas)

Países	Produção (mil t)	Consumo (mil t)
China	2.400	2.562
Brasil	745	86
Índia	640	465
Estados Unidos	235	441
Indonésia	212	148
Outros Países	2.293	2.069

Fonte: Portal da Indústria; Confederação Nacional da Indústria (CNI), adaptado pelo autor, (2018).

Observa-se na Tabela 1, que a produção mundial se concentra na China, assim como o consumo, seguidos de Brasil, Índia e Estados Unidos, onde nesta tabela pode-se também que a grande parte da produção de tabaco brasileiro serve para abastecer principalmente o mercado externo, devido principalmente as políticas rigorosas de consumo no mercado interno, onde se tem a política antitabaco e de conscientização ao seu uso pelos segmentos da sociedade responsáveis por tal. (INCA).

Empresas de tabaco ao longo da história se posicionavam contra toda e qualquer política antitabaco que surgia em meio a várias mortes causadas pelos seus produtos, evitando assim uma onda de processos e de indenizações. Sempre que possível, atrelavam isso ao consumo de outros produtos e não aos seus.

Dentre muitos anos, a indústria do tabaco usou da propaganda para relacionar seu consumo, demonstrando que seus usuários eram felizes por consumir tal produto, o que aparecia muitas vezes em comerciais durante o horário nobre da TV, em outdoors, jornais e revistas. O consumo era incentivado, onde a maioria queria se espelhar nestes personagens, acreditando que tal felicidade só residiria em consumir o cigarro. Santos (1988) descreve como a globalização produziu universalizações, pela qual:

"A universalização do mundo pode ser constatada nos fatos. Universalização da produção, incluindo a produção agrícola, dos processos produtivos e do *marketing*. Universalização das trocas, universalização do capital e de seu mercado, universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão, universalização das finanças e das dívidas, universalização do modelo de utilização dos recursos por meio de uma universalização relacional das técnicas, universalização do trabalho, isto é, do mercado do trabalho e do trabalho improdutivo, universalização do ambiente das firmas e das economias, universalização dos gostos, do consumo, da alimentação. Universalização da cultura e dos modelos de vida social, universalização de uma racionalidade a serviço do capital erigida em moralidade igualmente universalizada, universalidade de uma ideologia mercantil concebida do exterior, universalização do espaço, universalização da sociedade tornada mundial e do homem ameaçado por uma alienação total." (SANTOS, 1988, pp. 5-6).

Pode-se observar uma nova onda tabagista na China (O GLOBO, 2017), no qual, se tornou o maior produtor e consumidor de tabaco, e precisando sempre mais das importações vindas de outros países, que neste cenário de exportadores se destaca o Brasil, como o maior exportador(1º), seguido pela Índia (2º) e Estados Unidos (3º). O mercado destes produtos do tabaco relaciona o consumo de diferentes produtos, mas se destaca principalmente os novos produtos que foram criados para atrair uma nova gama de consumidores, além de difundir em outras áreas, o que é consumido em um local específico, como é o caso do narguilé, amplamente consumido no Oriente Médio e que hoje se encontra em muitos outros lugares, como é o caso do Brasil.

2.2. A PRODUÇÃO DE TABACO NO BRASIL

Começando o plantio pelo Nordeste, o tabaco teve, segundo o ponto de vista de Portugal, uma função secundária, tendo em vista que a principal preocupação e uso da terra eram destinados à produção de cana-de-açúcar. As capitanias hereditárias estavam em primeiro momento estabelecendo a monocultura que Portugal queria estabelecer no mundo conhecido até então, tornando-o especiaria de alto valor. Já o tabaco, não foi tornado o produto principal por haver outros países, como a Espanha, que até o final do século XVI, monopolizavam o comércio de tabaco. (ROSEMBERG, 2018).

Apesar de ser uma cultura de segunda relevância com o passar de tempo e o incentivo vindo das empresas o tabaco acabou por se tornar cada vez mais apreciado e conforme seu consumo foi aumentando, apareceram novas formas e estas puderam interferir no mercado e permitiram aos produtores aumentarem sua renda, principalmente onde estavam localizados os imigrantes ou descendentes de origem alemã, salientando de forma que estes, com desejo de melhorarem economicamente sua vida, estavam sempre com suas atividades voltadas a este setor da economia, onde:

“No Brasil, enquanto a produção de fumo no século XIX se caracteriza pela desconcentração – ainda que com o predomínio da Bahia sobre as demais regiões –, no século XX a crescente concentração na região sul é a característica mais relevante. E é no centro do Rio Grande do Sul, com a colonização alemã, que nasce o núcleo que viria a ser atualmente “a capital do fumo”: Santa Cruz do Sul e sua microrregião. Em grande parte, o sucesso econômico-financeiro das empresas instaladas no País depende do chamado sistema integrado de produção de fumo (VOGT, 1997; SILVEIRA, 1997; BOEIRA, 2002). Este, conforme dito anteriormente, foi criado pela BAT, com base em conhecimentos de geografia, climatologia, história e

socioeconomia. Teve como propósito inicial garantir a normalidade do abastecimento de matéria-prima para a fábrica de cigarros instalada no Rio de Janeiro. (BOEIRA, 2007, p. 6)”.

Já de acordo com Nardi *apud* Silveira,

(...) a abertura dos portos às nações amigas do Brasil, em 1808, possibilitou que o plantio de tabaco até então restrito à região Nordeste, passa-se a ser realizado também em outras regiões brasileiras. A região Sul do Brasil começou a ganhar destaque na produção a partir de 1850, com a introdução de cultivo em pequenas propriedades que foram se constituindo nas áreas destinadas à colonização com imigrantes europeus, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. (NARDI, 1996 *apud* SILVEIRA, 2015, p. 24).

O Brasil é hoje um dos maiores exportadores de tabaco no mundo, sendo o terceiro maior produtor atualmente. Sua produção chega à média de 554 mil toneladas de fumo ao ano, segundo dados do IBGE, entre os anos 1990 e 2003. Em sua grande maioria, o fumo é produzido na Região Sul, responsável por 95% da produção do país. (AFUBRA, 2018).

Tabela 2 – Áreas cultivadas e Quantidade produzida no Brasil e Regiões brasileiras ano de 2007

Brasil/Regiões	Área Cultivada	Quantidade Produzida	Valor da Produção (R\$1000)
	Hectares	Toneladas	
Brasil	460.343	908.679	3.583.963
Região Sul	431.715	880.327	3.509.765
Região Nordeste	27.691	27.526	71.663
Região Norte	475	514	1.183
Região Sudeste	262	152	1.176
Região Centro-Oeste	200	160	176

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal (PAM), (2007), adaptado pelo autor (2018).

Observa-se que o fumo é em sua esmagadora maioria cultivado na Região Sul, seguido pelo Nordeste e com menor relevância nas regiões Norte (3º), Sudeste (4º) e Centro – Oeste (5º), pois se pode entender que ali se concentra cultivares de cunho mais mecanizado, além de não se observar as pequenas famílias, onde nas quais o tabaco é o principal atrativo em cultivo das empresas tabagistas.

Cada variedade de tabaco é trabalhada de forma diferente pelos produtores, onde cada uma delas é beneficiada de acordo com o mercado que a detém, principalmente se o produto é destinado à produção de cigarros de sabor, eletrônicos, aumentando a gama de produtos

finais. Para a fabricação dos cigarros convencionais, utilizam-se principalmente os das variedades Virgínia e Burley, onde o primeiro é secado em estufa e o segundo em galpão convencional, conforme explica Ludwig *apud* Vogt,

"O fumo de galpão era colhido quando maduro e secado no galpão, durante várias semanas, sendo, depois classificado e fermentado. Produz, em geral, uma folha escura, servindo bem, por conseguinte, para o fabrico de charutos. As qualidades mais claras eram utilizadas para a fabricação de cigarros. Mas o emprego do fumo de galpão para o fim último foi substituído, quase que exclusivamente, pelo fumo de forno porque este possui cor mais clara e paladar bem mais suave." (LUDWIG, 1949, *apud* VOGT, 1994 p. 62).

O tabaco que seca naturalmente é mais escuro que o secado em estufa, onde a maturação natural tem como principal fator o calor, o vento, a umidade do ar que sempre variam. A secagem natural e com cuidados impedem que o tabaco possa ficar mofado, fermentado e manchado, quando pendurado no galpão. Já o fumo de estufa, o qual é secado pelo calor do fogo, tende a ser mais claro e suave, com compostos aromáticos mais apreciados pelos usuários, incorporando outras características marcantes aos usuários desta droga lícita, onde por estes parâmetros de qualidade obtidos, conseguem atrair e consequentemente viciar os novos consumidores de seus produtos (LUDWIG, 1949, *apud*, VOGT, 1994, pp. 62-63).

A secagem do tabaco concentra no interior das folhas quantidades enormes de substâncias químicas nocivas às pessoas, onde além dos pesticidas e agrotóxicos aplicados na planta, se concentram em níveis elevados e não diminuem com a secagem. O consumo varia conforme a faixa etária e condição social do indivíduo, que segundo Rosemberg (2003 pp. 8-12), destaca um agravante superior de dependência por conta da nicotina, que com a junção de monóxido de carbono e de alguns anos o uso de amônia na produção em larga escala dos cigarros pelas empresas tabagistas.

Durante muito tempo, antes da colonização do Sul do Brasil pelos imigrantes advindos da Europa (alemães, italianos, ucranianos, russos, poloneses, dentre outros), o tabaco era plantado quase que exclusivamente nas regiões mais ao norte do Brasil, como o Nordeste e o Sudeste, onde competia com a cana-de-açúcar e o café, pelo espaço ocupado nas lavouras. Estes imigrantes, viram nesta cultura de temporada, a chance de melhorarem economicamente de vida e consequentemente com a política do governo de povoar a região, encontraram nesta planta uma forma de assegurar a terra para os interesses brasileiros e evitar a perda destas para outros países.

Com o passar do tempo, a cultura se expande pelos estados do Sul do Brasil e com isso, a planta do tabaco se torna uma das característica desta região, principalmente quando se analisa a pequena propriedade, caracterizado pelo emprego de mão-de-obra familiar, que se pode ver expressa na tabela a seguir.

Tabela 3: fumicultura brasileira: série histórica

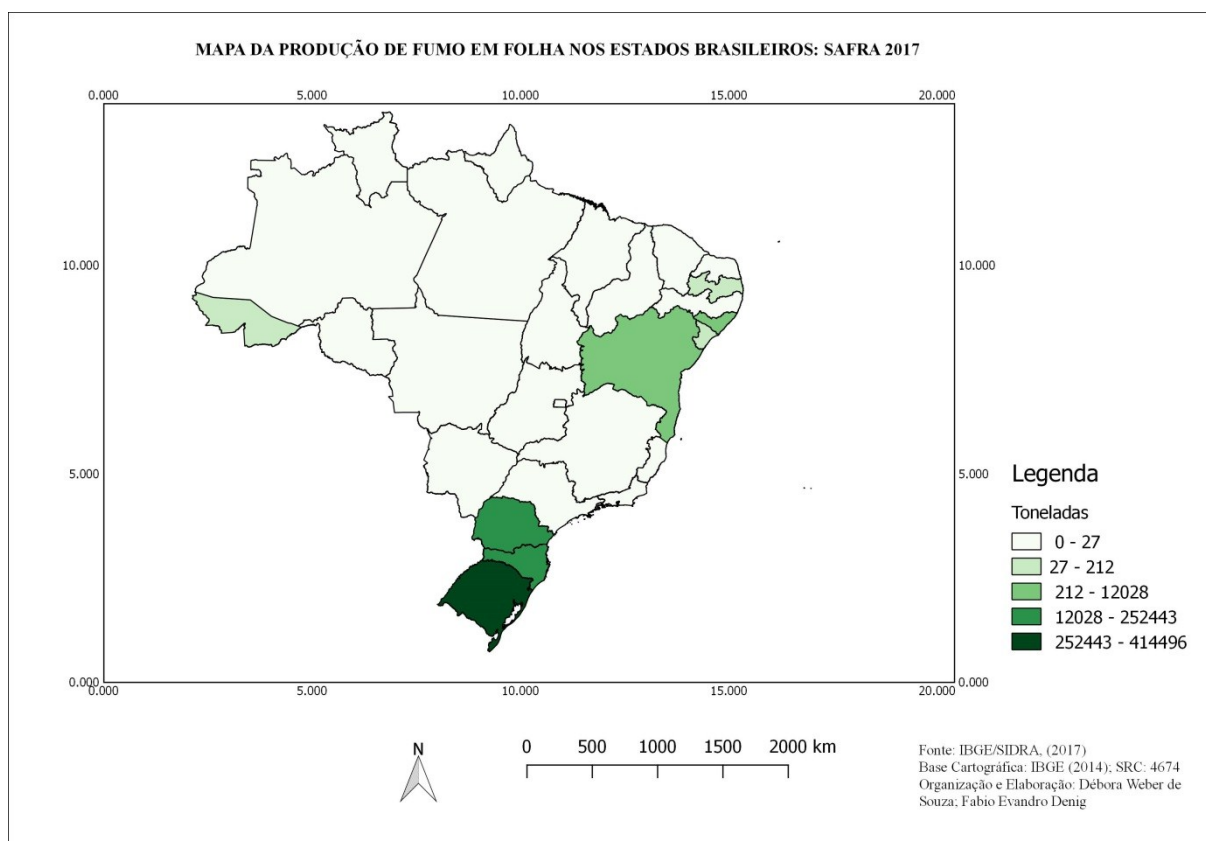
FUMICULTURA BRASILEIRA (SÉRIE HISTÓRICA)								
Safra: 2016/17								
Região	Nº de Estados	Famílias Produtoras	Hectares Plantados	Produção Ton.	Partic. %	Kg/ha	Valor	
							R\$/kg	Total
Sul	3	150.240	298.530	705.930	98,1	2.365	8,63	6.090.633.962
Nordeste	7	13.690	12.330	13.242	1,8	1.074	2,45	32.446.007
Outras	4	360	270	220	0,0	815	5,50	1.208.993
Total	14	164.290	311.130	719.392	100	2.312	8,15	6.124.288.962
Safra: 2015/16								
Sul	3	144.320	271.070	525.221	97,5	1.938	9,96	5.230.364.810
Nordeste	7	13.690	12.330	13.242	2,5	1.074	2,45	32.446.007
Outras	4	360	270	220	0,0	815	5,50	1.208.993
Total	14	158.370	283.670	538.683	100	1.899	9,77	5.264.019.810,00
Safra: 2014/15								
Sul	3	153.730	308.260	697.650	97,9	2.263	7,13	4.976.704.200,00
Nordeste	7	14.410	12.975	14.715	2,1	1.134	2,42	35.563.000,00
Outras	4	380	285	245	0,0	860	5,42	1.328.000,00
Total	14	168.520	321.520	712.610	100	2.216	7,04	5.013.595.200,00
Safra: 2013/14								
Sul	3	162.410	323.700	731.390	97,4	2.259	7,28	5.321.932.174,00
Nordeste	7	19.590	18.445	19.060	2,5	1.033	5,95	113.407.000,00
Outras	5	970	730	580	0,1	795	5,95	3.451.000,00
Total	15	182.970	342.875	751.030	100	2.190	7,24	5.438.790.174,00
Safra: 2012/13								
Sul	3	159.595	313.675	712.750	97,4	2.272	7,45	5.304.655.500,00
Nordeste	7	19.510	17.140	18.280	2,5	1.067	5,97	109.131.600,00
Outras	5	970	730	580	0,1	795	2,75	1.595.000,00
Total	15	180.075	331.545	731.610	100	2.207	6,27	5.415.382.100,00

Fonte: Afubra / IBGE, 2018, adaptado pelo autor.

Na tabela 3, se observa um decréscimo na produção de fumo, principalmente no que diz respeito aos hectares plantados, que só voltou a crescer na safra 2016/17, com quedas nestes parâmetros em 2014/15 e 2015/16, onde uma retração se fez perceber no setor, com queda de quase 20000 hectares plantados no Sul, quase 6000 hectares no Nordeste e 590 hectares no restante do país, em comparação das safras 2013/14, 2014/15 e 2015/16. A Região Sul aumentou sua participação em porcentagem na produção com percentual de 98,1% e a Região Nordeste com 1,8%, praticamente produzem todo o tabaco brasileiro.

No mapa 1 a seguir, do ano de 2017, mostra como o tabaco está distribuído no território, com ênfase a Região Sul, com destaque ao estado do Rio Grande do Sul, com larga vantagem sobre os demais estados na produção fumageira, seguido pelo estado de Santa Catarina e em terceiro vem o estado do Paraná, e o Nordeste com destaque para os estados da Bahia e Alagoas.

Mapa 1: Produção de fumo no Brasil, em toneladas por estado, safra de 2017



2. REGIÕES PRODUTIVAS: A PRODUÇÃO DE TABACO NA REGIÃO SUL DO BRASIL E NA MESORREGIÃO OESTE CATARINENSE

Na região Sul, a produção de tabaco está localizada em sua grande maioria na área que abrange o Vale do Rio dos Sinos, tendo com destaque a cidade de Santa Cruz do Sul, onde também estão localizadas as principais matrizes fabris fumageiras multinacionais, que se encarregam de receber e exportar o produto para outros locais e para onde o consumo é mais intenso e maior em razão *per capita*, vê-se que,

"Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, "únicos". Isto se deve à especialização desenfreada dos elementos do espaço - homens, firmas, instituições, meio ambiente --, à dissociação sempre crescente dos processos e subprocessos necessários a uma maior acumulação de capital, à multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, onde cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexo único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal." (SANTOS, 1988, p. 13).

No sul do Brasil, a vinda das indústrias fumageiras trouxe aos pequenos produtores uma perspectiva de melhorarem de vida, transformando a paisagem e consequentemente, um ganho de renda com o cultivo da planta. A pioneira foi a empresa Souza Cruz, que através de colonizadores alemães incorporou a cultura do tabaco na região, e a com essa nova cultura, desempenhou um papel importante de aplicar conceitos de aprimoramento e melhoramento das plantas e produção, além de introduzir uma nova mentalidade de trabalho aos colonizadores, onde:

"Os colonos, de fregueses dos comerciantes, passam à condição de fregueses das agroindústrias, com "perda de autonomia no processo de trabalho dos produtores familiares de tabaco" (VOGT, 1997, p. 108; PAULILO, 1990). Isto ocorre à medida que as empresas, seguindo o exemplo da BAT/Souza Cruz, passam a fornecer, como forma de adiantamento, as sementes e os fertilizantes, além de financiar a construção das estufas." (BOEIRA, 2007, p.7).

E ainda, conforme se vê,

"Historicamente, no capitalismo, o trabalho vem sofrendo várias mudanças para atender às necessidades de regulamentação e controle social do modo de produção. Essas alterações acontecem nos aspectos econômicos, políticos e culturais da produção, com vistas a atingir o objetivo maior: de manter as taxas de lucro e

submeter os trabalhadores nos processos produtivos.” (FERRAZ; GARCIA; SILVA, 2010, p. 04).

A demanda de tabaco, com o passar do tempo, oferece para as indústrias, uma nova forma de utilizar a fonte de trabalho das famílias, no qual,

“Outro mecanismo do sistema integrado é a assistência técnica oferecida pelas empresas em troca da promessa de venda integral da produção, com exclusividade. O produtor se compromete primeiro moralmente, e, mais tarde (1993), contratualmente. As indústrias tomam as rédeas do processo produtivo à medida que mercantilizam e tecnificam o conjunto da atividade produtiva, fazendo com que as relações de mercado se deem no início do cultivo do tabaco e não mais apenas no momento da venda final” (VOGT, 1997, p. 109, BOEIRA, 2007, p. 7).

Assim sendo, as empresas conseguem ao mesmo tempo, aproveitar de sua “generosidade” com o produtor, valendo-se da sua vontade de melhorar de vida, criando um vínculo no qual o produtor acaba por estabelecer metas para si, juntamente com sua família a fim de poderem chegar ao final da produção com o produto vendido, com uma boa classificação em termos de qualidade, uma alta produtividade, aliadas a uma perspectiva de sempre haver formas de auxílios vindos da empresa, com as visitas dos instrutores de fumo, o qual é o elo entre a empresa contratante e o produtor (BOEIRA, 2007).

A Região Sul tem como forma de agregar as famílias produtoras de tabaco perante a empresa, a figura do instrutor, no qual este repassa as etapas, as normas exigidas pela empresa e de que forma a empresa fumageira espera que seu produto seja produzido pelas famílias durante o processo. A região em si, adaptou o cultivo a realidade da população, onde pelas quais ela observou a organização familiar estabelecida, com enfoque à produção em pequena escala, dividida em grande número de famílias produtoras, a fim de evitar grandes perdas recorrentes com adversidades climáticas, que acarretava em perdas na produção e consequentemente em retornos menores na exportação.

Os principais atores deste cultivo são principalmente as empresas fumageiras e os pequenos produtores, sendo estes últimos responsáveis por produzir a riqueza das multinacionais do tabaco, e que por isso, compreendem de certa forma um modelo que se implanta em vários locais e com diferentes formas de usos da terra. Um exemplo disso pode ser visto entre a produção de suínos que é mais forte na Mesorregião Oeste Catarinense, diferentemente do fumo, que é predominantemente cultivado na região do Vale do Rio dos Sinos.

Com a criação da AFUBRA, em 1955, os produtores de fumo tiveram uma nova perspectiva em relação aos seus ganhos, onde, por sua vez, garantia uma melhor remuneração por parte das empresas, além de auxiliar os produtores na ocorrência de fenômenos naturais, como o granizo, saraiva e estiagem, além de proporcionar ajuda em caso de falecimento e pagamento de auxílio-doença, quando ocorrida na propriedade rural. (AFUBRA, 2018).

Tabela 4: Distribuição fundiária da cultura do tabaco na região Sul do Brasil, anos 2014/2015.

Fumicultura Sul-brasileira e os Minifúndios Distribuição Fundiária: 2014/2015		
HECTARES	FAMILÍAS	%
0	44.106	28,7
De 1 a 10	55.175	35,9
De 11 a 20	35.415	23
De 21 a 30	12.907	8,4
De 31 a 50	4.807	3,1
Mais de 50	1.320	0,9
TOTAL	153.730	100

Fonte: Afubra, adaptado pelo autor, (2018).

Na tabela 4, pode-se observar que a grande maioria dos plantadores de tabaco possui pouca área de terra escriturada em seu nome, com até 20 hectares de área em sua grande maioria.

As empresas puderam encontrar pessoas dispostas a trabalharem e buscarem meios de melhorarem de vida com a cultura fumageira, situando-se e criando um polo na região de Santa Cruz do Sul (BOEIRA, 2007), que desde o início da implantação da primeira empresa, se tornou referência na produção e comercialização deste produto. Empresas como a Souza Cruz e a Universal Leaf Tabacos colocaram suas plantas industriais neste local, se aproximando dos principais produtores da planta e a partir deste, expandiram para os outros estados do sul do país.

As plantas industriais das empresas produtoras de tabaco se encontram na região do Vale do Rio dos Sinos, predominantemente habitada por descendentes de imigrantes alemães, que queriam melhorar sua qualidade de vida, economicamente e de status quo. Silveira (2013), analisando as formas que as empresas trabalhavam para processar o tabaco, observa onde as empresas dedicam seus esforços para melhor gerir sua produção e aumentar seus investimentos, pois:

“As principais plantas de processamento das empresas de tabaco estão instaladas no Rio Grande do Sul, na microrregião de Santa Cruz do Sul, notadamente nas cidades de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Vera Cruz, onde se processam cerca de 80% da produção de tabaco do Sul do Brasil. O restante é realizado nas usinas de processamento localizadas nas cidades catarinenses de Joinville e Blumenau, e na paranaense Rio Negro. Em Santa Catarina e no Paraná a distância das áreas de produção agrícola de tabaco em relação às principais e maiores usinas de processamento, instaladas no Rio Grande do Sul, levou às empresas multinacionais a instalarem unidades de compra de tabaco próximas às áreas de produção, que depois enviam o tabaco para ser processado nas usinas gaúchas. Compõe esse complexo as fábricas de cigarro da Phillip Morris e da Souza Cruz, instaladas respectivamente, em Santa Cruz do Sul e Cachoeirinha.” (SILVEIRA, 2013, p. 27)

Souza Cruz, tendo o conhecimento em várias áreas, conseguiu implantar um molde de sucesso para si, onde trabalhava com produtores de pequeno e médio porte, em diferentes locais, garantindo ao menos parcelas de produção que poderiam passar sem enfrentar problemas de natureza climática. Fragmentando a produção, estaria impedindo a seu ver que a produção não estaria arruinada, e consequentemente, conseguiria abastecer o mercado e garantindo a sua participação neste. Pode-se entender a forma de como as empresas ampliaram as áreas para outros lugares, a fim de evitar perdas de produção e consequentemente perda de receita, que são afetados quando da mudança de clima de uma determinada região, transformando a paisagem, o meio, a vida das pessoas, utilizando da mais-valia nesse processo, interferindo na natureza, onde Santos (1988), assim descreve:

"O espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade. A paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento. A paisagem é coisa, a espacialização é funcional e o espaço é estrutural. A paisagem é coisa relativamente permanente, enquanto a espacialização é mutável, circunstancial, produto de uma mudança estrutural ou funcional. A paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou se modifica para acolher uma nova atualidade, uma inovação. A espacialização é sempre o presente, um presente fugindo, enquanto a paisagem é sempre o passado, ainda que recente. O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade. A espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial." (SANTOS, 1988, p. 26).

Analisando-se a produção do Sul do Brasil de fumo, observa-se uma queda constante em Santa Catarina, onde muito de sua produção migrou para o Rio Grande do Sul e para o Paraná, definindo que:

“No contexto da região Sul, em 2006, o principal Estado produtor ainda permanece sendo o Rio Grande do Sul com 43% da produção regional e com 45% da área colhida de tabaco na região. Já Santa Catarina tem apresentado uma constante redução na sua participação na produção sul brasileira de tabaco, de 45%, em 1985 para 29% em 2006, e também na área colhida de tabaco de 46% para 29%. No Paraná tivemos um expressivo e constante crescimento da lavoura de tabaco nesse período de 1985 a 2006, ampliando significativamente a participação do estado na

produção regional de 8% para 28% na quantidade produzida, e de 8% para 25% na área colhida de tabaco.” (SILVEIRA, 2013, pp. 29-30)

A expansão da produção para outros locais mostrou como as empresas expandiram seus negócios a fim de aumentar a produtividade e consequentemente a redução de seus investimentos em Santa Catarina, principalmente no Oeste Catarinense, o que acarreta em termos econômicos e de saúde, a troca desta cultura por outras que evitem causar esforços físicos enormes.

3. DECLÍNIO DA PRODUÇÃO NO OESTE CATARINENSE

3.1. O OESTE CATARINENSE HOJE

No estado de Santa Catarina, o plantio se concentra principalmente no Norte (35,4%) e o Vale do Itajaí (28,6%) se destacam como os principais produtores de tabaco, seguido pelo Sul (20,1%) e depois pelo Oeste Catarinense (11,3%), e por fim as regiões da Grande Florianópolis (3,2%) e Serrana (1,4%), do total de fumo produzido no Estado, conforme se observa a seguir, como se concentra a produção nestas diferentes regiões, enfatizando dentro destas, a produção dividida entre as suas microrregiões correspondentes, no qual dentro destas pode-se observar a dinâmica de produção de tabaco (IBGE, 2019).

Tabela 6: Produção de tabaco em Toneladas, por Microrregiões Catarinenses nos anos 1996, 2006 e 2016, além das porcentagens de participação na produção do Estado de Santa Catarina de cada uma delas na safra 2015/2016.

Mesorregião	Microrregião	Nº munic. Microrregião	1996 (ton.)	2006 (ton.)	2016 (ton.)	% safra 2015/2016
Grande Florianópolis	Florianópolis	9	6213	9185	6324	0
	Tijucas	7				2,3
	Tabuleiro	5				0,9
Norte Catarinense	Canoinhas	12	31486	62625	69288	34,8
	São Bento	3				0,6
	Joinville	11				0
Oeste Catarinense	Concórdia	15	31624	41768	21872	0,1
	Xanxerê	17				0,9
	Chapecó	38				4,8
	S. M. do Oeste	21				4,8
	Joaçaba	27				0,7
Serrana	Curitibanos	12	3661	2937	2774	0,5
	Campos de Lages	18				0,9
Sul Catarinense	Criciúma	11	52578	50651	39023	5,8
	Tubarão	20				8,3
	Araranguá	15				6,0
Vale do Itajaí	Blumenau	15	40726	76845	55752	0,7
	Rio do Sul	20				16,8
	Ituporanga	7				11,1
	Itajaí	12				0
Totais produzidos			166288	244011	195033	100

Fonte: IBGE, adaptado pelo autor (2019).

Pela relação histórica das demais regiões do estado de Santa Catarina compara com o Oeste Catarinense, observa-se que o Norte, o Sul e o Vale do Itajaí, de colonização mais antiga que o Oeste Catarinense, abriga até hoje mais produção de tabaco que este último. A região da Grande Florianópolis e Serrana tomaram outros caminhos, tendo relação mais direta com a pesca e produção de produtos mais relacionados com o clima mais ameno, respectivamente, o que se pode observar nos números da tabela anterior.

Durante este período, houve aumento da produção na Mesorregião Norte Catarinense no período que compreende entre 2006 e 2016, onde a produção de tabaco cresceu 6663 toneladas em 10 anos, o que acarretou em novos investimentos nesta região por parte das empresas, que fizeram com que esta figurasse em maior produtora neste período.

No Oeste Catarinense, a produção de fumo como na maioria das propriedades é feita por pequenos produtores, que através de contratos firmados antes do início do semeio das sementes, direcionando a produção para a empresa ao qual se deu o contrato de venda. Por sua vez, a empresa entrega ao produtor insumos, agrotóxicos, visitas técnicas, que tem por objetivo garantir a qualidade e consequente mercado expansionista da empresa, a fim de melhorar seus produtos e concorrência.

Boeira, 2007, escreve que,

“o sistema integrado ganha estabilidade também em função da definição antecipada dos preços mínimos a serem pagos aos produtores ao fim de cada safra. Nesse aspecto, como em outros, as empresas no contexto brasileiro seguem o exemplo da Souza Cruz. A alternativa seria abandonar a disputa pelo mercado. As empresas nacionais são vencidas gradualmente pelas multinacionais, com apoio dos governos tanto do regime militar quanto dos governos civis, visando-se a abertura do mercado internacional ao fumo brasileiro (para obtenção de aumento de divisas).” (BOEIRA, 2007, pp. 7-8).

O sistema integrado da fumicultura que é descrito, teve grande impacto na Mesorregião Oeste Catarinense, mesmo que suas matrizes fabris não estivessem aqui localizadas, se concentravam principalmente nas áreas circunvizinhas a Santa Cruz do Sul, na região do Vale dos Sinos, mas de importância relevante, mas não conseguiria competir com as agroindústrias aqui localizadas, por estas estarem localizadas nesta região, onde sua atuação reflete com mais força e por estarem de forma mais próxima ao produtor rural, onde se observa que:

“O setor de grãos é dominado por grupos empresariais de diversos setores: a produção é comprada e processada por empresas ligadas as grandes agroindústrias (Brasil Foods), cooperativas (Cooper Central Aurora) e atacadistas (família Tozzo). A produção de fumo é direcionada a Souza Cruz e a Philip Morris, porém tem perdido espaço nas últimas décadas para outras atividades, como a produção de leite. Na extração e processamento de erva-mate a região do município de Catanduvas é destaque, com as empresas Regina e Erva-mate Catanduvas.” (SOUZA, BASTOS, 2011, p. 12).

As agroindústrias de carnes, leite e derivados, desde a colonização da Mesorregião Oeste Catarinense sempre estiveram na vanguarda da produção, onde primeiramente eram vendidos em pequenas quantidades para os laticínios, frigoríficos, mercados, quitandas. As oligarquias locais sempre tentaram impor as práticas que mais apreciavam, portanto, acabaram por criar uma nova modalidade de como as pequenas famílias pudessem vender seus excedentes para criar uma base forte, sólida e de competitividade para com seus produtos em outros territórios.

Em detrimento da agroindústria, tanto de aves, suínos e da pecuária, leiteira e de corte em pequena escala, o tabaco não aparece nos censos como produtos de primeira ordem, ou seja, não possuía um atrativo para sua produção no Oeste Catarinense, pois suas plantas de beneficiamento não se encontravam instaladas nesta região.

“A presença de poderosas empresas agroindustriais, profundamente ligadas à dinâmica dos circuitos globalizados de produção e consumo corresponderia a uma típica rede vertical de desenvolvimento rural nos termos de Murdoch (2000). Exemplos destas trajetórias podem ser vistos na internacionalização de empresas como a Sadia, Seara, Perdigão. Neste contexto o agricultor passaria a ter, principalmente, um papel como produtor especializado de mercadorias preso a mercados distantes. Outro subconjunto destas redes verticais seria o formado pelo conglomerado agroindustrial representado pelo setor cooperativo. Estas cooperativas constroem uma rede própria de produção, processamento, industrialização e distribuição de carne suína e de aves. Embora abranja uma ampla gama de estruturas sociais nos marcos das cooperativas filiadas, sua inserção econômica se dá na mesma lógica de mercado da agroindústria convencional, isto é, aposta na economia de escala e na especialização como estratégia de organização da produção e industrialização. Evidentemente as escalas preconizadas pelo sistema agroindustrial cooperativo são menores que as da agroindústria convencional.” (MIOR *apud* MURDOCH, 2005, p.6).

Com a queda de produção no Oeste Catarinense de tabaco, as empresas mudaram a forma de comercializarem seu produto, implantando na região o chamado “fumo de inverno”, o qual se adapta as condições climáticas do outono e do inverno, propiciando a quem desejasse dois cultivos anuais do fumo, onde esta planta é mais resistente às mudanças de clima, como geadas, possibilitando um ganho extra a quem preferisse cultivar a planta nesta época do ano.

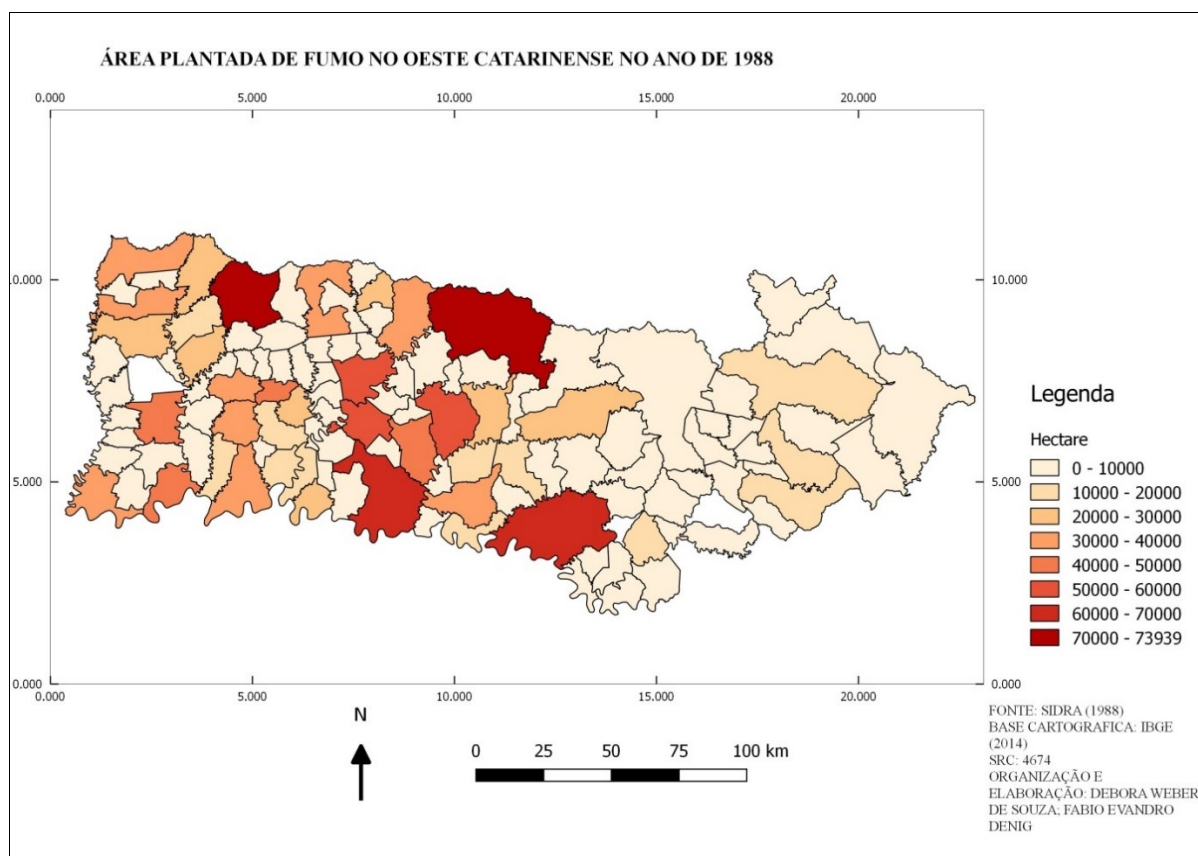
O tabaco por ser uma cultura de temporada e conseqüentemente só gerando renda em um curto período de tempo, se tornou para muitas famílias uma forma de se tornar renda extra, onde era destinado ao melhoramento da propriedade, possibilitando que servisse de

aporte financeiro para as principais rendas das famílias, como é o caso dos suínos, aves, gado de leite e produção de grãos. O cultivo do tabaco requer muito esforço físico, onde por sua vez, não apresenta recursos tecnológicos para a produção muito desenvolvidos em relação a modernidades em lavouras de outras culturas, predispõe que neste sentido, o fumo é considerado para muitos que:

“O atributo de ‘pesado’ ao trabalho na agricultura abarca situações diversas. Assim, por exemplo, no Planalto Catarinense, o adjetivo ‘pesado’ refere-se ao esforço físico exigido no cultivo do fumo, considerado uma cultura exigente em trabalho e mão de obra intensiva. O fato de ser uma cultura que não requer força e sim esforço físico predispõe à utilização do trabalho de jovens, crianças e adolescentes.” (AGUIAR, STROPASOLAS, 2010, pp. 161-162).

O uso de mão de obra familiar na lavoura de fumo possibilitou que a parte envolvida na produção pudesse alavancar os ganhos em virtude de não ser necessária a utilização de pessoas de fora do círculo familiar, demandando pagamento a estas e consequentemente diminuição da renda. Por conta de o homem ser nesse caso, o tomador de decisões, no qual, raramente sua esposa e filhos podem tomar decisões diferentes da sua, servindo apenas para “auxiliar” na lida da terra quando o patriarca entender que aquilo que faz é o que realmente é o certo e no demais, não importando o que os demais membros da família queiram.

Mapa 2: área plantada de fumo no ano de 1988:

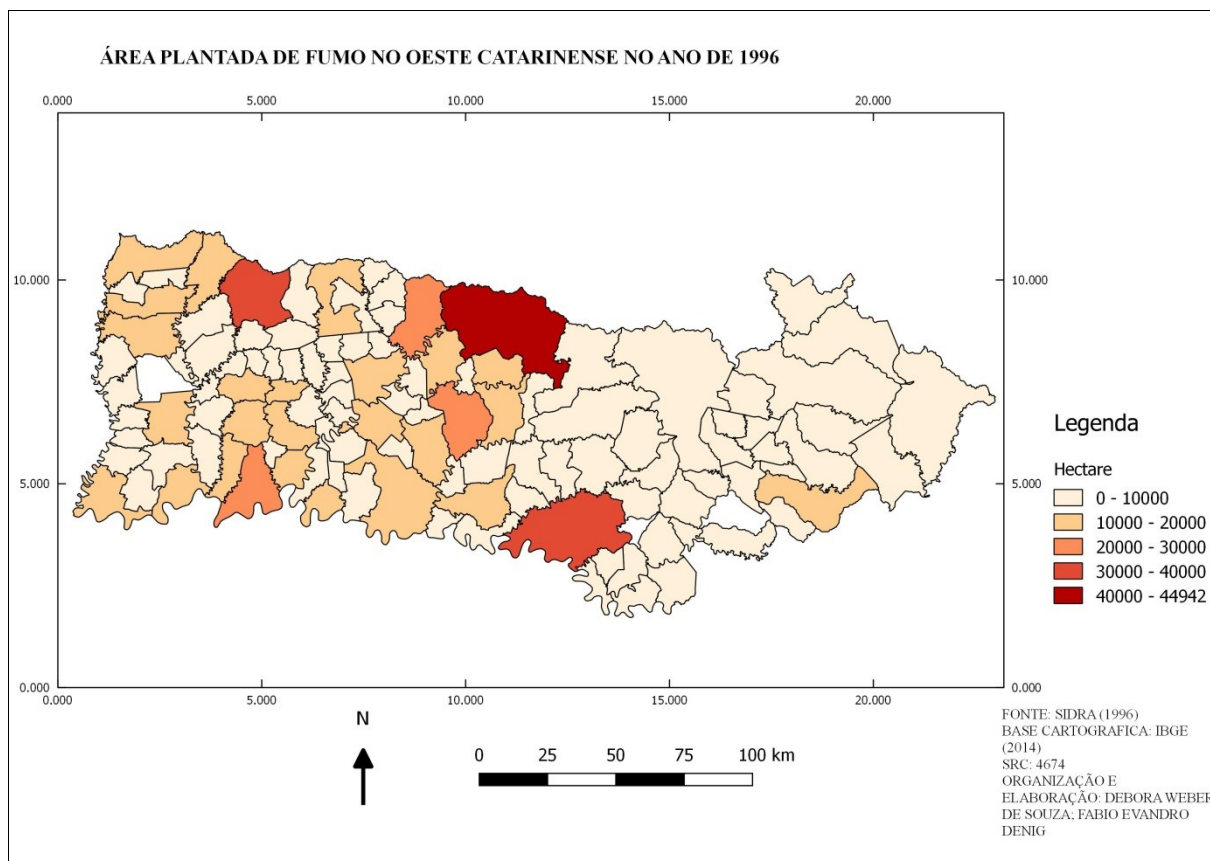


Analisando-se o mapa da produção de fumo no ano de 1988, observa-se uma grande distribuição do cultivo em quase todo o território do Oeste de Santa Catarina, com ênfase para a Região do Meio Oeste, onde se pode ver que os principais municípios produtores desta região são Abelardo Luz, Campo Erê, Chapecó, Concórdia, Xanxerê, Xaxim, Coronel Freitas, Quilombo e Modelo, além de Mondai e Descanso que pertencem à Região do Extremo Oeste.

Como a produção estava mais espalhada e com mais hectares plantados, a cultura se tornou forte na região, competindo com as outras culturas aqui desenvolvidas, acompanhando a demanda cada vez crescente e com vista ao mercado interno e a exportação.

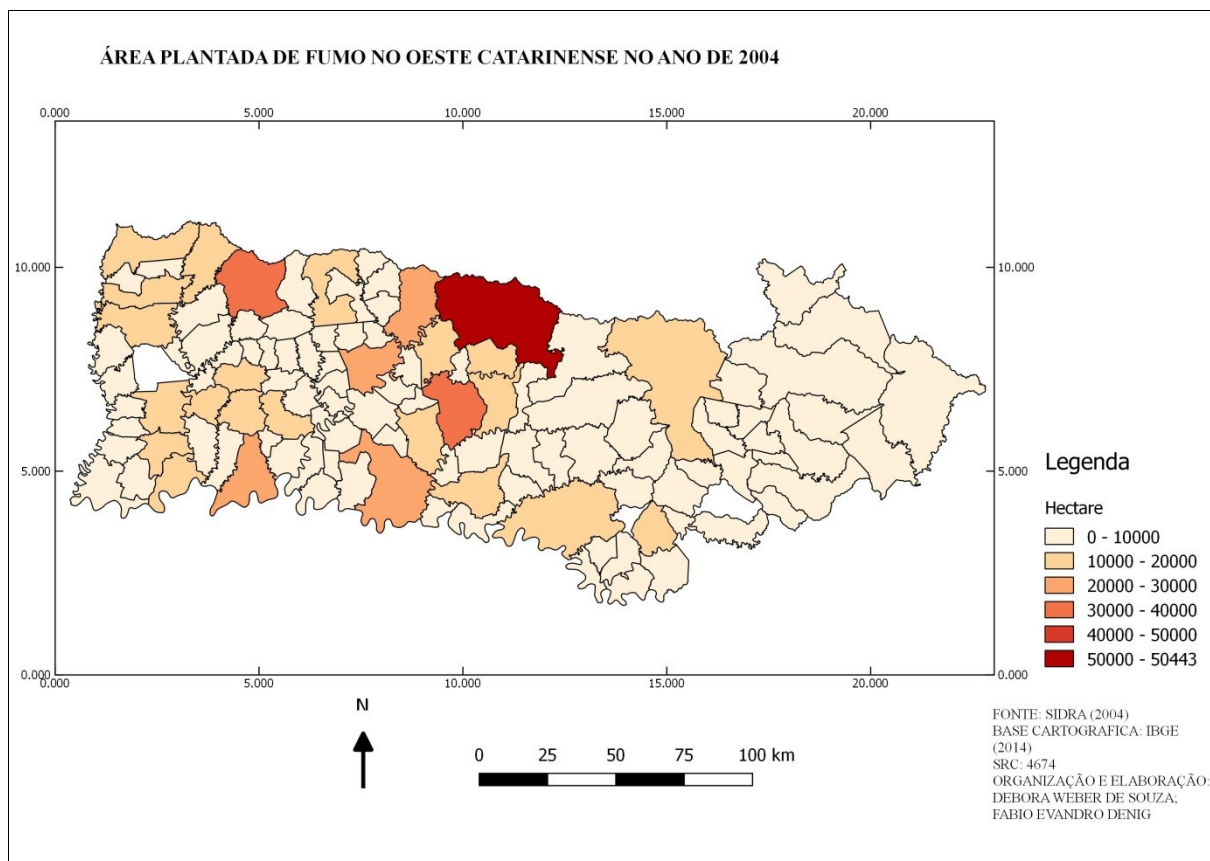
As áreas plantadas ocorriam em praticamente todo o Oeste Catarinense, o que mostrava sua importância durante este período, aliado a pouca mecanização das outras culturas aqui presentes, como milho e soja.

Mapa 3: área plantada de fumo no ano de 1996



No mapa de 1996, comparado ao de 1988, observou-se uma diminuição da área plantada, no qual Abelardo Luz foi o município que mais ocupou terras para esta finalidade, depois temos Campo Erê, Concórdia, Xanxerê, Palmitos e São Domingos, com destaque as áreas ocupadas pela cultura do tabaco.

Mapa 4: área plantada de fumo no ano de 2004



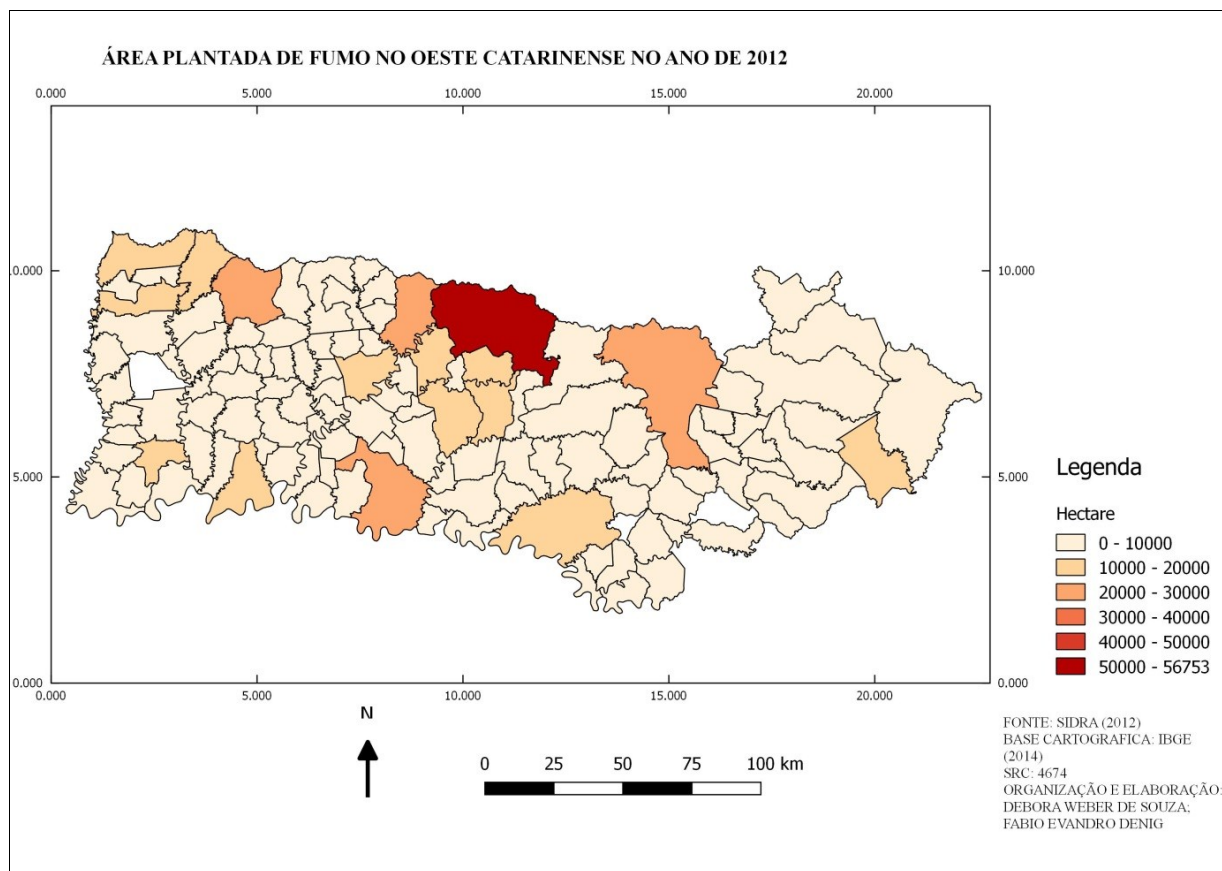
O mapa do ano de 2004, a área de tabaco volta a crescer, aumentando em alguns municípios, onde ainda se mantem com maior quantidade de hectares plantados, seguido em área plantada por Campo Erê, Xanxerê, Palmitos, Chapecó, Quilombo e São Domingos.

Segundo Silva *et al*, *apud* Carvalho *et al*,

“entre 2000 a 2005 a produção e os estoques mundiais de fumo reduziram, ao mesmo tempo em que o consumo mundial cresceu, criando oportunidades de expansão das exportações brasileiras de maneira significativa. Também vale ressaltar a competitividade do preço pago ao produtor em decorrência a outros países. Outro fator importante para atender as exportações, foi à redução no consumo interno do cigarro, principal produto derivado do tabaco, pelas restrições impostas pelo governo para combater o tabagismo. Forçando, desta forma, as empresas a se adequarem ao mercado externo.” (SILVA, SCHÜTZ, SOUZA, 2012, p. 6 *apud*, CARVALHO, BINOTTO, PEREIRA, 2008).

Com isso as empresas encorajam os agricultores a aumentarem suas áreas, possibilitando um novo ciclo fumageiro e aumento de sua receita e de renda aos produtores. O fumo depois da política de restrições em veículos de comunicação em massa, e o aumento das exportações, dá um novo gás na produção para o mercado mundial, influenciando novas características de tabaco atrativas ao mercado que exportam.

Mapa 5: área plantada de fumo no ano de 2012



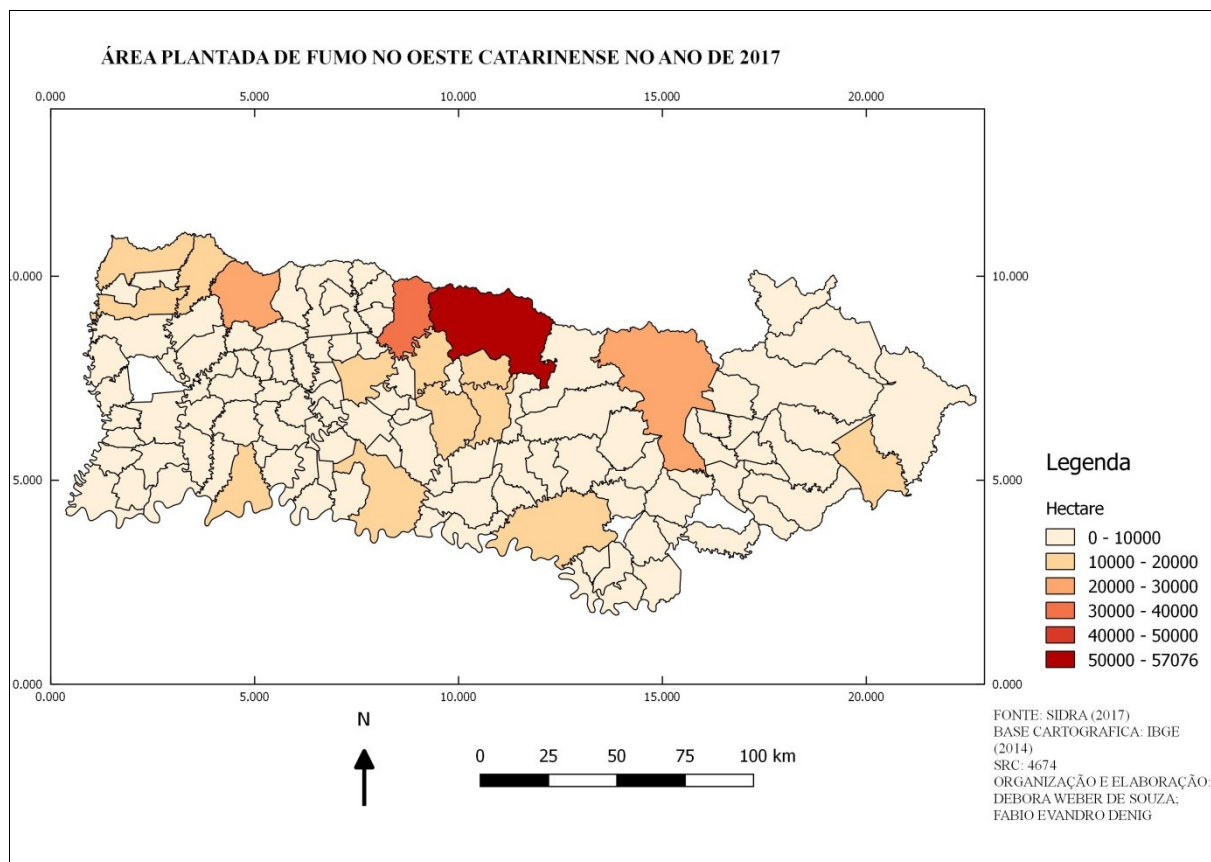
No ano de 2012, a área plantada cresceu muito em Abelardo Luz, comparado a 2004, onde se concentrou a maior área plantada no Oeste Catarinense, e logo após com menor concentração de área plantada em Água Doce, Chapecó e Xanxerê.

Com safra recorde no ano de 2011, que observado pelos estudos feitos pela Epagri, considerou que,

“Com o real valorizado em relação ao dólar, o preço do fumo brasileiro já não é tão competitivo. Algumas indústrias chegaram a importar produto de baixa qualidade para misturar ao produto brasileiro a fim de baratear o fumo a ser exportado e torná-lo mais competitivo no mercado internacional.” (EPAGRI, 2012 p. 46).

No mesmo estudo realizado, o ano de 2012 teve um recuo na área plantada, devido ao preço do Real em relação ao Dólar, o que não tornava atrativo o aumento da área plantada de fumo, o que acarretou em importações de tabaco pelas empresas tabagistas para reporem seu estoque e esperarem o mercado externo se reaquecer.

Mapa 6: área plantada de fumo no ano de 2017

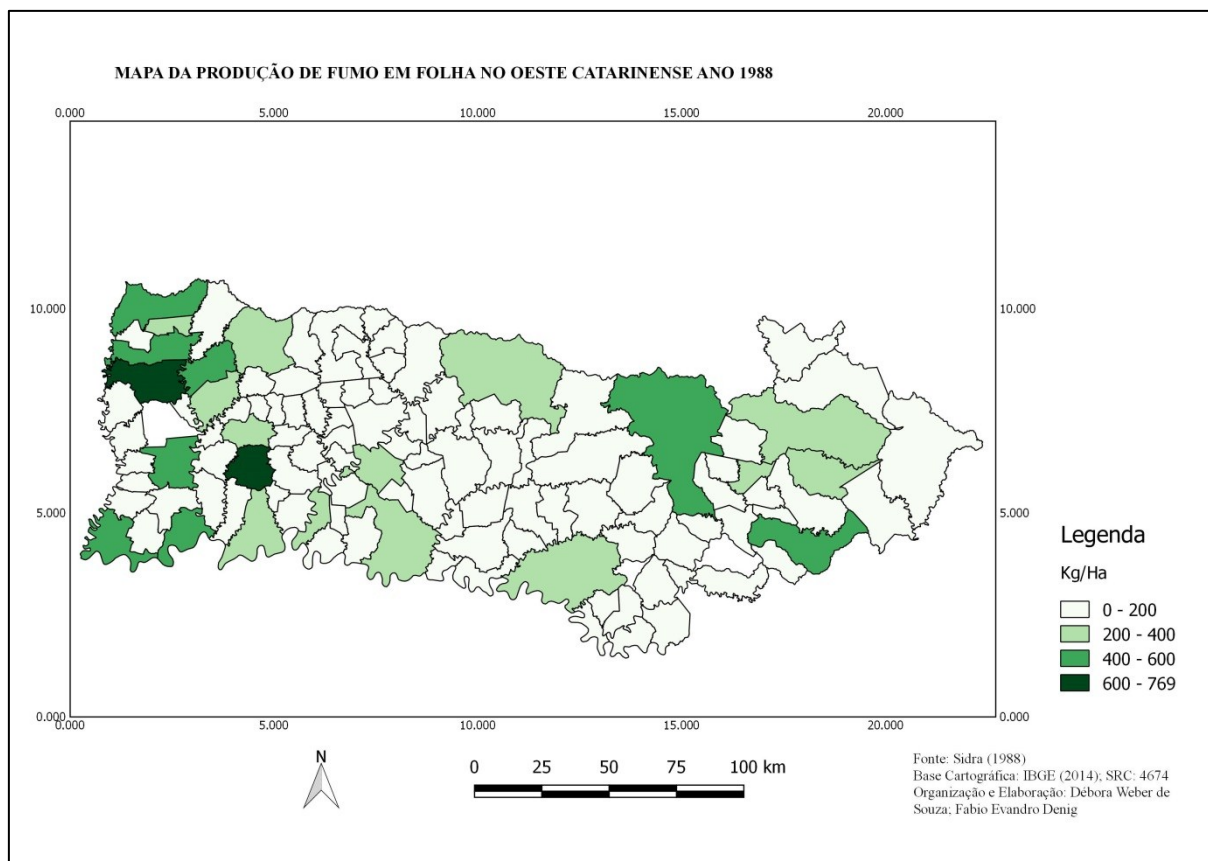


No período de 2017, houve um pequeno aumento na área plantada em relação à 2012, com destaque a Abelardo Luz, São Domingos, Campo Erê e Água Doce, mas houve decréscimo na área em Chapecó, Palmitos e Iporã do Oeste.

Estudos da Epagri (2018) consideraram neste período, que fatores climáticos como excesso de chuvas e granizo influenciaram o decréscimo na área plantada em relação a anos anteriores.

Os gráficos mostram uma grande diminuição de área plantada nestes municípios, o que acarreta em um número menor de famílias produzindo tabaco, o que também pode ter sido influenciado pelo alto grau de trabalho braçal, sem maquinário que pudesse auxiliar na hora do plantio, manejo, colheita e estocagem do produto no galpão.

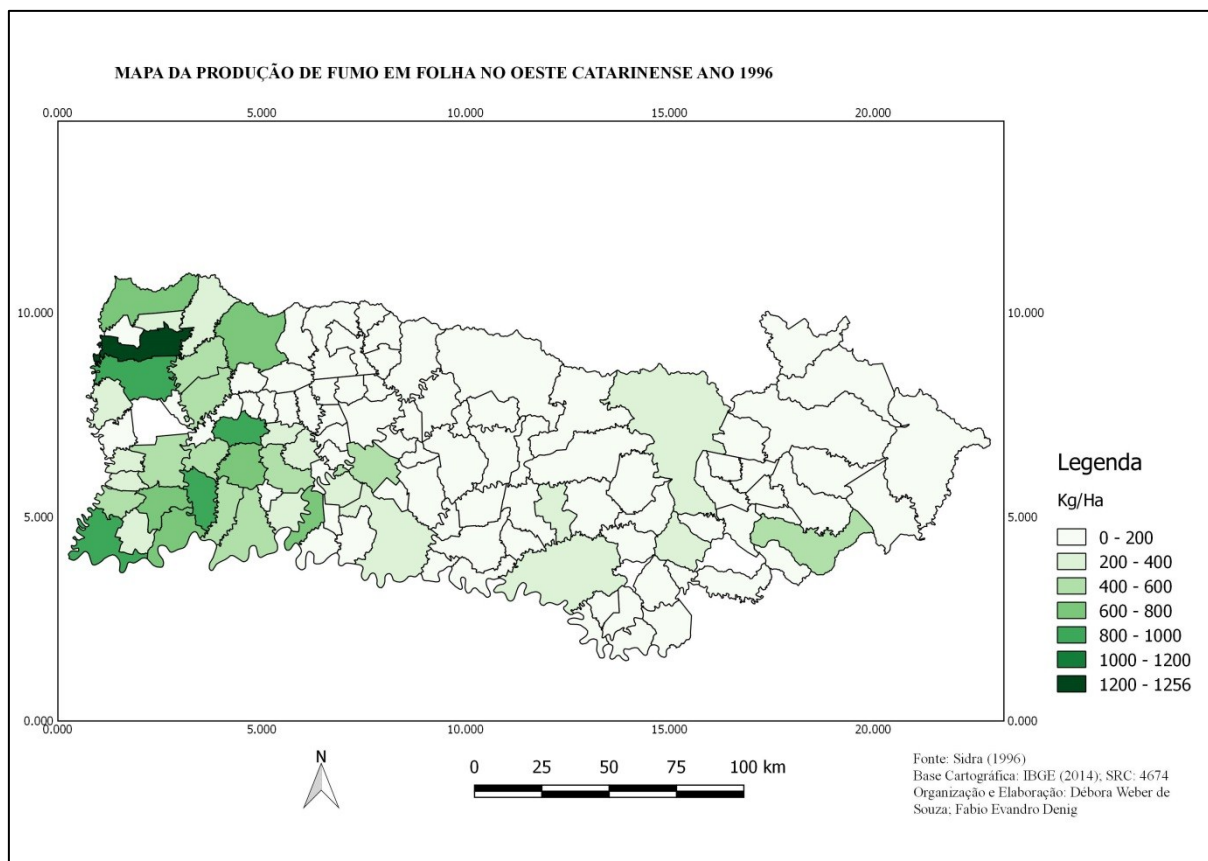
Mapa 7: rendimento médio por área plantada no ano de 1988



No mapa de 1988, o rendimento médio por hectare da cultura do fumo era baixo, não ultrapassando 770 kg/ha com destaque a este rendimento os municípios de Cunha Porã e São José do Cedro. Nota-se que, o maior rendimento proporcional ocorre na microrregião do Extremo Oeste Catarinense, onde na parte que compreende o Meio Oeste, com mais área plantada, não obteve o mesmo rendimento visto no Extremo Oeste, o que acarretou em pouca produtividade em relação à área e consequentemente uma baixa satisfação do produtor em relação ao produto.

O fumo estava sendo cultivado nas outras regiões do estado e estava se consolidando nestes lugares, onde o fumo produzido no Oeste correspondia a 9,9 % do total produzido no estado (Epagri, 1989, p.118), abaixo das demais áreas produtoras.

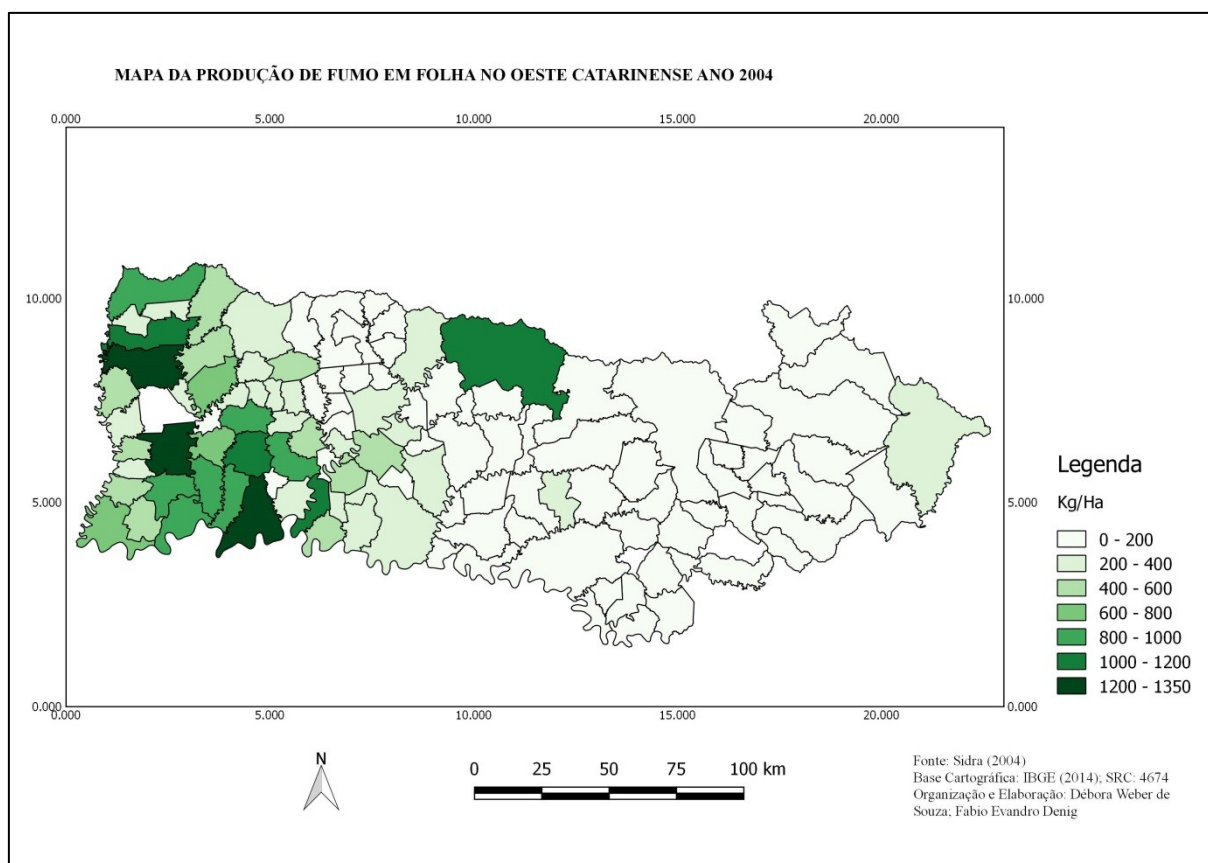
Mapa 8: rendimento médio por área plantada no ano de 1996



A produção em 1996 por rendimento foi maior em São José do Cedro, onde por sua vez, observa-se uma migração de rendimento do tabaco para o Extremo Oeste Catarinense, tornando-se a principal microrregião de rendimento em todo o Oeste Catarinense. No Meio Oeste destacam-se Águas de Chapecó, Maravilha, Cunha Porã, Saudades, Palmitos e Quilombo.

Pode-se creditar o maior rendimento as terras de cultivo mais férteis, o uso de novas fórmulas de fertilizantes químicos, e com o *Plano Real* em vigor, puderam comprar mais insumos para a lavoura e assim aumentar a produção.

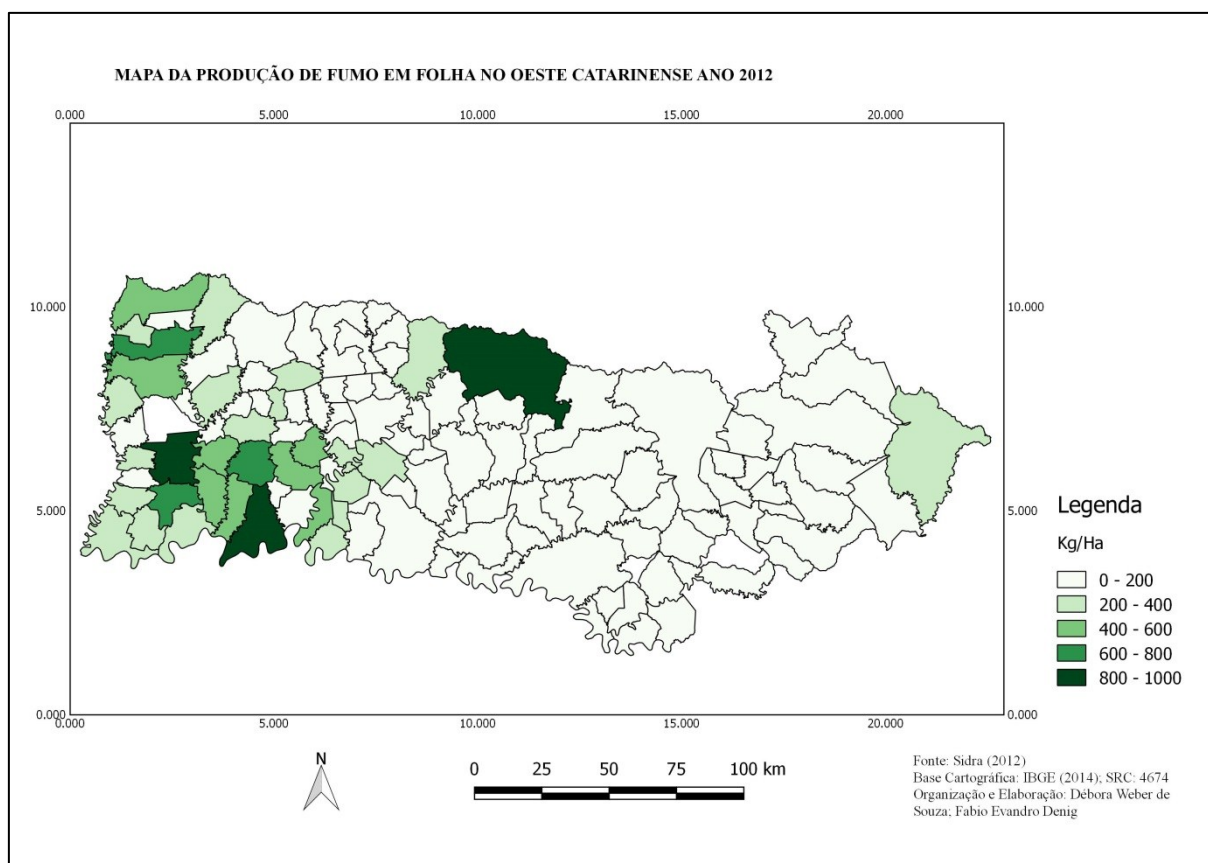
Mapa 9: rendimento médio por área plantada no ano de 2004



O ano de 2004, com a demanda de tabaco no mundo crescendo, as empresas implantaram novas variedades de tabaco a fim de aumentarem a produtividade e consequentemente a exportação. O Extremo Oeste se consolidou neste período como o principal produtor de fumo na Mesorregião Oeste Catarinense, onde nesta microrregião podem-se destacar os municípios de São José do Cedro e Descanso, e no Meio Oeste, destaque na produção para o município de Palmitos.

A produção cresceu significativamente, trazendo uma nova onda de produtores interessados no cultivo, garantindo uma safra maior em relação aos períodos anteriores. A EPAGRI-CEPA (2005), contribui para um estudo mais detalhado na produção, o que indica valores expressivos de produção, exportação e garantia de mercado exportador para o produto.

Mapa 10: rendimento médio por área plantada no ano de 2012

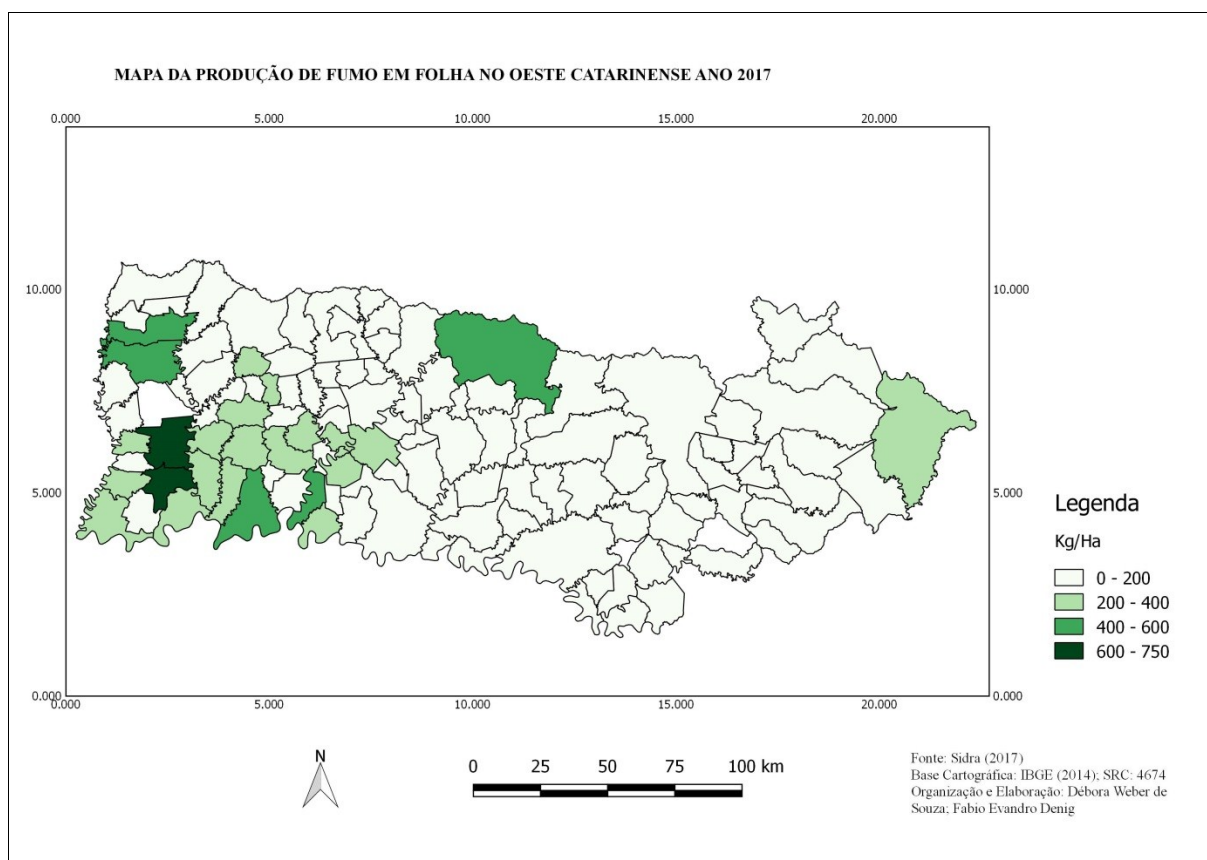


O rendimento da safra 2012 teve uma queda considerável no rendimento, acarretando em baixas perspectivas no setor agrícola, o que se deve ao fato de muitos produtores deixarem o cultivo para se dedicar a outras atividades agrícolas, além de ter havido redução de área cultivada estimulada pelas fumageiras, além de fatores climáticos. Observa-se que,

“Depois de uma safra recorde em 2011, em 2012 a produção brasileira de fumo voltou a cair, tanto pela redução na área - estimulada pelas fumageiras – quanto pelo rendimento médio – problemas no clima durante o desenvolvimento da safra. Já a safra atual (2013) teve uma produção superior em virtude de uma melhora no rendimento. Os preços e a comercialização do produto foram bem mais favoráveis ao produtor nesta safra.” (EPAGRI, 2013, p. 39).

Nesse período, os rendimentos médios por área plantada merecem destaque os municípios de Abelardo Luz, Palmitos e Descanso, mas observa-se uma queda de rendimento por hectare plantado, com decréscimo significativo na produção, observados como de grande proporção no Oeste Catarinense.

Mapa 11: rendimento médio por área plantada no ano de 2017



Em 2017, o rendimento médio se tornou muito abaixo do que era em 2004 e 2012, onde em Iporã do Oeste e Descanso, tiveram produção significativa por hectare, que pode ter ocorrido por êxodo rural, mudança de cultivo, atividade economicamente mais viável, onde a produção se concentrou na faixa sul do Meio e Extremo Oeste Catarinense, compreendida entre Coronel Freitas e Itapiranga.

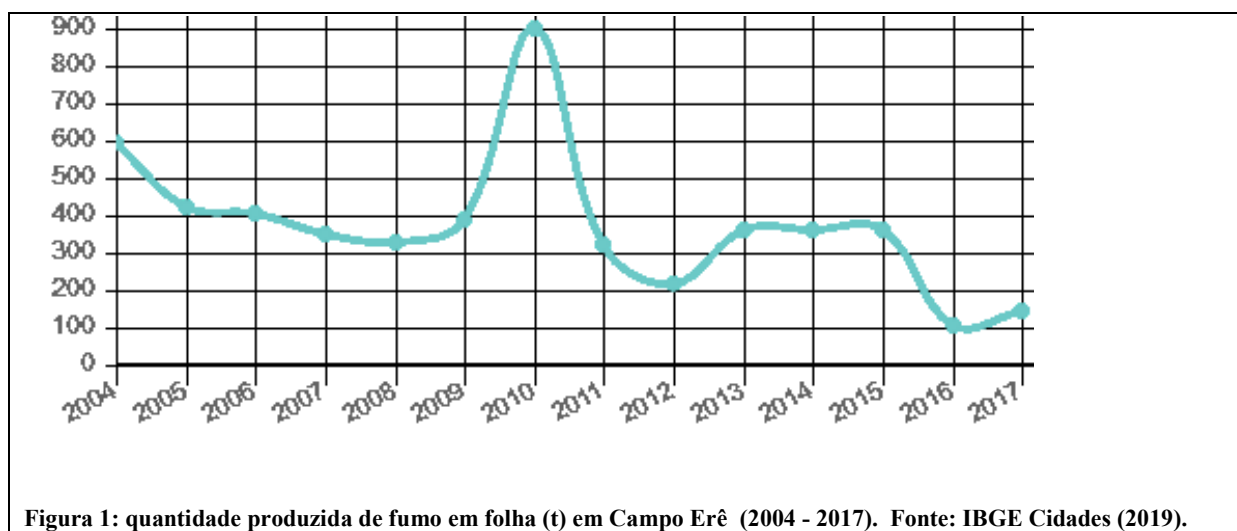
O período que compreende 1988 até 2017 pode-se observar que, no período que se teve uma maior produção por hectare foi nos anos entre 1999 e 2008, com um grande avanço nas plantações, a fim de garantirem um maior rendimento, consequentemente um maior ganho econômico em relação aos anos anteriores. Municípios como, por exemplo, Palmitos, Descanso e Iraceminha, produziam neste período, cerca de 1300 kg/ha, mostrando que o cultivo era de grande importância e agregado com terras férteis, adubação e cuidados de manejo, consequentemente trariam lucros consideráveis aos produtores em questão.

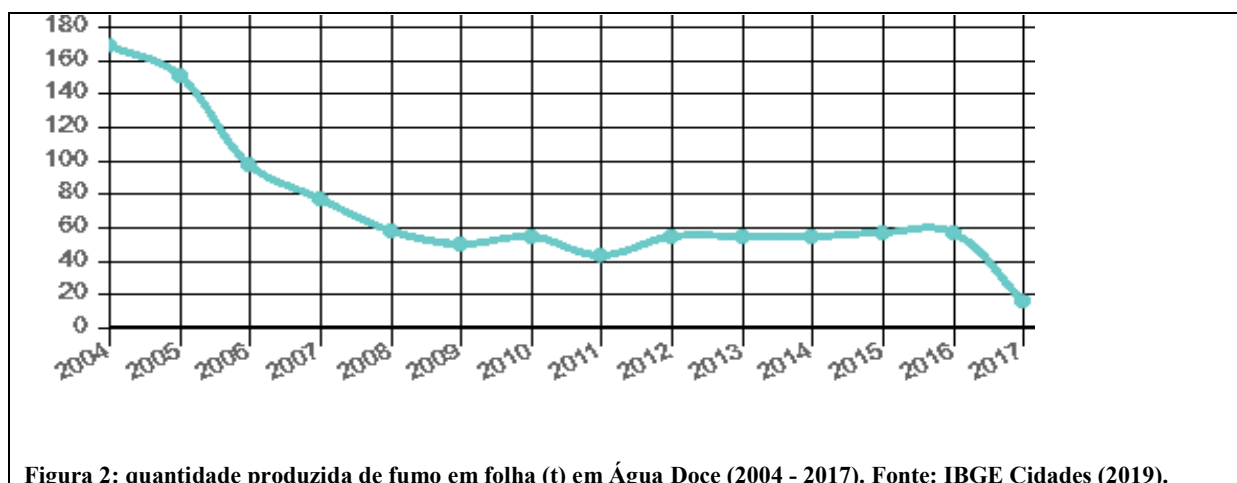
Entre 2009 e 2014, as médias por hectare acabaram por diminuir, para até 1000 kg/ha, destacando os municípios de Abelardo Luz, Palmitos e Descanso, onde se tem uma dimensão

mais detalhada de como a produção deixou de ser economicamente viável e passou a ser em grande parte, algo que somente alguns conseguiam seguir em frente cultivando, apesar de os preços praticados estarem bons para o setor.

A cultura fumageira possibilitou que mais pessoas estivessem dispostas a entregarem sua força de trabalho em troca de ganhos maiores, onde por sua vez, estariam tendo o atrativo de plantarem uma cultura que sempre traria lucros. Com o levantamento da média de produção do tabaco do ano de 2017, diminuíram para até 750 kg/ha, onde se observa uma retração bastante significativa do cultivo, no que diz respeito à área cultivada e o que se produz nela, e percebe-se que as maiores médias se concentram em Descanso e Iporã do Oeste.

Nos gráficos a seguir, com base nas informações obtidas pelo IBGE Cidades, pode-se constatar um decréscimo na produção em muitos municípios do Oeste Catarinense. O fumo perdeu território quando da sua mecanização for baixa, além de que muitos dos produtores serem de pequenas áreas de terra e necessitarem dela para outras culturas.





A relação entre hectares plantados e a média obtida por hectare mostra alguns aspectos que são relevantes quanto ao cultivo, pois muitos destes produtores por conta de estarem se dedicando ao plantio não estão mais aptos por conta de sua saúde não ser mais a mesma em virtude do uso de agrotóxicos cada vez mais fortes e perigosos, mesmo com o uso de EPI (Equipamento de Proteção Individual), o acúmulo destes no organismo ao longo dos anos acarreta em debilitação física aos produtores. (CARGNIN *et al.*, 2016).

O declínio da cultura pode ser observado em Palmitos, onde a empresa fumageira Alliance One possuía uma unidade fabril e com o passar do tempo foi repassada a Fecoagro para usá-la para outros fins, como neste caso, para distribuição de fertilizantes. As empresas quando não se encontram mais em condições de manter estas unidades, acabam por concentrar suas atividades nos locais onde a cultura ainda se mantém em considerável produção. Para tanto, a logística se mantém, e com o deslocamento da produção até a empresa no local onde a produção é maior, possibilita que a fumageira consiga gerir melhor o produto em seus arredores.

Um exemplo desse processo ocorreu em Palmitos, onde a empresa se desfez de uma unidade e repassou a uma empresa de um outro ramo agropecuário, mais ligado à produção de grãos e leiteiro, o que mostra para qual ramo está se encaminhando a produção no Oeste Catarinense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Oeste Catarinense, a produção de tabaco se retraiu em relação as demais regiões produtoras do Estado. O produtor de tabaco conforme pagava suas despesas com a empresa, na maioria dos casos, acabava por plantar algumas safras depois para garantir algum lucro em relação a esta cultura, mas via-se que em muitos casos, a saúde do trabalhador do campo estava bastante prejudicada e o uso cada vez maior de agrotóxicos e o esforço físico que resultava da cultura, acabavam por retirar este produtor do cultivo da planta.

Ao mesmo tempo, com a dinâmica da produção de leite, aves e suínos em crescimento e ganhos com intervalo de tempo menor do que aquele que o fumo trazia, muitos destes aproveitavam as instalações dos galpões para transformar em ambientes que condiziam a nova atividade que estavam dispostos a ingressarem.

O fumo teve declínio em sua área plantada, mas em compensação, o rendimento médio de manteve nos mesmos patamares em quase todo o período, o que pode ter ocasionado uma queda em relação ao número de famílias que produziam o tabaco, ou seja, o cultivo passou a ser feito por menos famílias em uma área maior de cultivo.

O trabalho que envolve a cultura do fumo é de envolvimento familiar desde a semeadura até a entrega do fumo em fardos para a empresa. Dentre estas, o que pode ter ocasionado a queda de área foi à mudança em relação ao cultivo, preferindo a soja, a criação de aves, suínos e bovinos de corte e de leite, sendo este último de rendimento mensal, que é mais garantido o dinheiro. A opção pelo gado leiteiro, no qual o dinheiro vem a cada mês, se tornou mais importante em relação ao fumo, que em muitos casos tornou-se a segunda opção de renda, a fim de ter seu rendimento anual aplicado em melhorias no sistema de manejo do gado.

A produção teve seu auge entre 1999 e 2008, o que possibilitou expandir a cultura em quase todo o território da Mesorregião Oeste Catarinense. O território abrigou diversas empresas do ramo fumageiro, tanto em plantas de beneficiamento, como por exemplo,

Universal Leaf Tabacos e Phillip Morris em Maravilha, Dimon e Aliance One em Palmitos e JTI (Japan Tobacco International) em Pinhalzinho.

Nesse sentido, também se tem a hipótese da queda da produção ser ocasionada também pelo êxodo rural, onde muitos produtores largaram a área rural e foram buscar emprego na cidade, outros arrendaram terras para outros cultivarem o tabaco, o milho e a soja. Produtores também deixaram da produção e começaram a criar para o abate, aves, suínos, gado. Outros quiseram criar gado leiteiro para a produção de leite.

Nessa região, também ocorre o contrabando de tabaco industrializado, sendo utilizada a rede rodoviária, em que a BR – 282, sendo a única ligação direta entre o oeste de Santa Catarina com o leste do Estado, além de rota mais viável entre os estados do Sul, com seus entroncamentos com outras rodovias, com a BR – 153, SC – 480, estrategicamente ao longo do tempo foram se tornando rota principal de pessoas que começaram a usar seu trajeto para o transporte de cigarros vindos do Paraguai, utilizando a rota por esta, para depois conduzir ao seu destino.

O alto valor do maço de cigarros produzido e vendido no país, devido à alta taxaço por parte do governo, leva muitas vezes ao contrabando deste produto, advindo de outros países, como por exemplo, o Paraguai, onde não é taxado, para ser consumido aqui. Este produto vindo de fora, por ser mais barato que o nacional, tende a ser mais atrativo a quem tem menos condições econômicas de manter seu vício em tabaco, ou que consome vários maços ao dia. Pode conter além das substancias nocivas à saúde, outras que por conta do beneficiamento entram em contato com este, podendo haver objetos estranhos ao produto final.

Encarecido pelo alto valor de impostos relativos ao tratamento das doenças relacionadas ao fumo, o tabaco contrabandeado torna-se uma forma de obter altos lucros, sem a taxaço de impostos e desconhecimento da fonte de origem deste produto. Movimenta um mercado de alto ganho econômico, do qual, por ser uma droga lícita, acaba por induzir cada vez pessoas ao vício, sendo estes ativos ou passivos em relação ao ato de fumar, sendo assim uma forma de aproveitar outras formas de ganho com o tabaco, que assim sendo,

“o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias, que destrói o meio ambiente em escala globalizada.” (ANTUNES, 2006, p. 101).

Pode-se ressaltar que a cultura ainda persiste em alguns locais, mas a tendência é que diminua aos poucos, onde por conta de esta ser uma cultura de trabalho quase que totalmente

braçal, se não haver tecnologias e novas ferramentas de colheita e armazenamento de tabaco, a produção será feita somente por pessoas que realmente gostam da cultura e querem preservá-la. A cultura se tornou por conta da pouca mecanização um entrave pelo qual muitos não querem mais exercê-la, onde a criação de gado, de suínos e aves, que usa sistemas de monitoramento e cuidados com os animais a todo o tempo, além do plantio de soja e milho, pode ser feito com implementos agrícolas e mecanização, desde o plantio até a colheita, o que torna o plantio de tabaco praticamente manual.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Vilênia Venâncio Porto. STROPASOLAS, Valmir Luiz. **As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina.** *In:* Gênero e geração em contextos rurais. Ilha de Santa Catarina. Editora Mulheres. 2010.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Universidade de Campinas, 2006.

ANVISA. **Danos à saúde.** Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/danos-do-tabaco-a-saude>. Acesso em: 17/03/2018.

BOEIRA, Sérgio Luís. **Indústria de Tabaco vs. Organização Mundial de Saúde: um confronto histórico entre redes sociais de stakeholders.** *In:* Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis. V. 4 n.1 jan. / jun. 2007.

CARGNIN, Marcia Casaril dos Santos. TEIXEIRA, Carolina de Castilhos. MANTOVANI, Vanessa Monteiro. LUCENA, Amália de Fátima. ECHER, Isabel Cristina. **CULTURA DO TABACO VERSUS SAÚDE DOS FUMICULTORES.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n2/0104-0707-tce-25-02-2940014.pdf>. Acesso em: 18/04/2019.

CARVALHO JUNIOR, Luiz C. de; BINOTTO, Paula Alexandra; PEREIRA, João Gustavo de Savignon. **CADEIA PRODUTIVA DE FUMO.** *In:* CARIO, Silvio A. F. *et al* (Org.). Economia de Santa Catarina: inserção industrial e dinâmica competitiva. Blumenau: Nova Letra, 2008. p. 404 - 441.

CORREA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial.** 7ª Edição. Editora Ática. São Paulo, 2000.

DIÁRIO DO IGUAÇU. **Governo quer estimular a produção de fumo no Oeste.** Disponível em:

http://www.diariodoiguacu.com.br/noticias/detalhes/Governo_quer_estimular_a_producao_de_fumo_no_oeste_3727. Acesso em: 14/02/2019.

EMBRAPA. **Cadernos de Ciência & Tecnologia (C&T)**, Brasília, v. 20., n. 1, p. 45-78. jan./abr., 2003;

EPAGRI. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa. **Síntese anual da Agricultura de Santa Catarina 1988-89**. Disponível em:

http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Sintese_1989_v1.pdf. Acesso em: 11/11/2018.

_____. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2004–2005**. Disponível em: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/sintese_2005.pdf. Acesso em: 12/11/2018.

_____. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2011-2012**. Disponível em: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/sintese_2012.pdf. Acesso em: 11/11/2018.

_____. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 2012-2013**. Disponível em: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/sintese_2013.pdf. Acesso em: 11/11/2018.

EPAGRI–CEPA. BOLETIM AGROPECUÁRIO Nº 61- 15 de junho de 2018. Disponível em: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/Boletim_agropecuário/boletim_agropecuário_n6_1.pdf. Acesso em: 11/11/2018.

FARIA, José Eduardo. **O direito na economia globalizada**. São Paulo: Malheiros, 1999.

FERRAZ, Anita Pereira. GARCIA, July Carlos. SILVA, Tatiana Freire da. A centralidade da categoria trabalho no contexto da precarização das relações de trabalho: perspectivas para o serviço social.. In: **Seminário de saúde do trabalhador de Franca**, 1., 2010, Franca. Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000112010000100037&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 26/08/18.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2017/08/1912995-industria-do-cigarro-aposta-na-tecnologia-para-ganhar-tempo-de-vida.shtml>. Acesso em: 03/02/2019.

FÓRMULA 1. https://www.formula1.com/en/drivers/hall-of-fame/James_Hunt.html. Acesso em: 16/09/2018.

GOOGLE MAPS. Fotos das empresas Alliance One e Fecoagro Acesso em: 05/05/2019.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

IBGE CIDADES. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc>. Acesso em: 14/02/2019.

KOPPER-MÜLLER, Giane Carla. TAVARES, Lorena Benathar Ballod. **PANORAMA DA FUMICULTURA EM FOLHA NO ESTADO DE SANTA CATARINA, BRASIL**. Disponível em: <http://revistaea.org/artigo.php?idartigo=3397>. Acesso em: 25/01/2019.

LUDWIG, Alfredo. **Centenário da colonização de Santa Cruz do Sul (1849-1949)**. Santa Cruz do Sul, manuscrito original do AHCM, (1949).

MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó, Unochapecó, Editora Argos, 2005.

MURDOCH, J. Networks – a new paradigm of rural development? **Journal of Rural Studies** n. 16, 2000.

NARDI, Jean Baptiste. **A História do Fumo Brasileiro**. Rio de Janeiro: ABIFUMO, RJ. 1985.

O GLOBO. **Em difícil tarefa de conter tabagismo na China, Xangai amplia proibição de fumo.** 01/03/2017 - 14:53 / Atualizado em 01/03/2017 - 15:01. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/em-dificil-tarefa-de-conter-tabagismo-na-china-xangai-amplia-proibicao-de-fumo-20995574>. Acesso em 11/04/2019.

OLIVEIRA, Francisco. MAZZUCHELI, Frederico. **Padrões de Acumulação, Oligopólios e Estado no Brasil: 1950/1976.** Cebrap. 1977. s/p.

PAULILO, Maria Ignêz Silveira. **Produtor e agroindústria: consensos e dissensos** (o caso de Santa Catarina). Florianópolis: UFSC, 1990.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade.** In: Gênero e geração em contextos rurais. Ilha de Santa Catarina. Editora Mulheres. 2010.

PORTAL DA INDÚSTRIA. **Indústria do fumo.** Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/cni/canais/brazil-4-business/industria-do-fumo/>. Acesso em 05/11/2018.

PSICOLOGIA. **Tabaco.** Disponível em: http://www.psicologia.pt/instrumentos/ver_ficha.php?cod=tabaco. Acesso em: 17/03/2018.

RECEITA FEDERAL. **Scorpions: Sistema de Controle e Rastreamento da Produção de Cigarros.** Disponível em: <http://idg.receita.fazenda.gov.br/orientacao/tributaria/regimes-e-controles-especiais>. Acesso em: 15/04/2018.

_____. **Sistema de Controle de Mercadorias Apreendidas.** Disponível em: <http://idg.receita.fazenda.gov.br/sobre/acoes-e-programas/mercadorias-apreendidas/destruicao/destruicao-de-cigarros>. Acesso em: 15/04/2018.

ROSEMBERG, José. **A história do tabaco.** Disponível em: https://dij.ceeak.ch/_downloads/A_HISTRIA_DO_TABACO.pdf. Acesso em: 17/03/2018.

_____. **NICOTINA: Droga Universal.** São Paulo: SES/CVE, 2003. 174 p. Disponível em: ftp://ftp.cve.saude.sp.gov.br/doc_tec/cronicas/nicotina.pdf. Acesso em: 26/01/2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo. Edusp, 2006. 4ª ed. 2ª reimpr.

_____. **Técnica espaço tempo – Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo. 1994.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas> . Acesso em: 01/11/2018.

SINDITABACO. Disponível em: <http://www.sinditabaco.com.br/>. Acesso em 15/04/2018.

SILVA, Filipe Guilherme Ramos da. SCHÜTZ, Guilherme Augusto. SOUZA, Daniel Augusto de. A CADEIA PRODUTIVA DO FUMO EM SANTA CATARINA. Disponível em: http://www.apec.unesc.net/VI_EEC/sessoes_tematicas/Tema8-Economia%20Regional%20e%20Urbana/Artigo-7-Autoria.pdf. Acesso em: 10/11/2018.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **A produção da periferia urbana em Santa Cruz do Sul-RS: o lugar dos safristas na terra do fumo**. Florianópolis, 1997. Dissertação de mestrado em geografia. CFH, Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. **A cultura do tabaco na Região Sul do Brasil: dinâmica de produção, organização espacial e características socioeconômicas**. In: Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 19, n. 2, maio/ago. 2015. ISSN 2236-4994. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/13087/pdf>.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. DORNELLES, Mizael. **MERCADO MUNDIAL DE TABACO, CONCENTRAÇÃO DE CAPITAL E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL. NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA UMA GEOGRAFIA DO TABACO**. In: REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B.21.741-98 Vol. XIV, núm. 338, 10 de octubre de 2010. Acesso em: 10/11/2018.

SILVEIRA, R.L.L.; DORNELLES, M.; FERRARI, S. **Expansão da cultura do tabaco no sul do Brasil (1996-2006):** características, mudanças e persistências na produção de tabaco e nos usos do território. **Scripta Nova – Rev. Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales.** Universidad de Barcelona. V. XVII, nº 987, 5 ago. 2012.

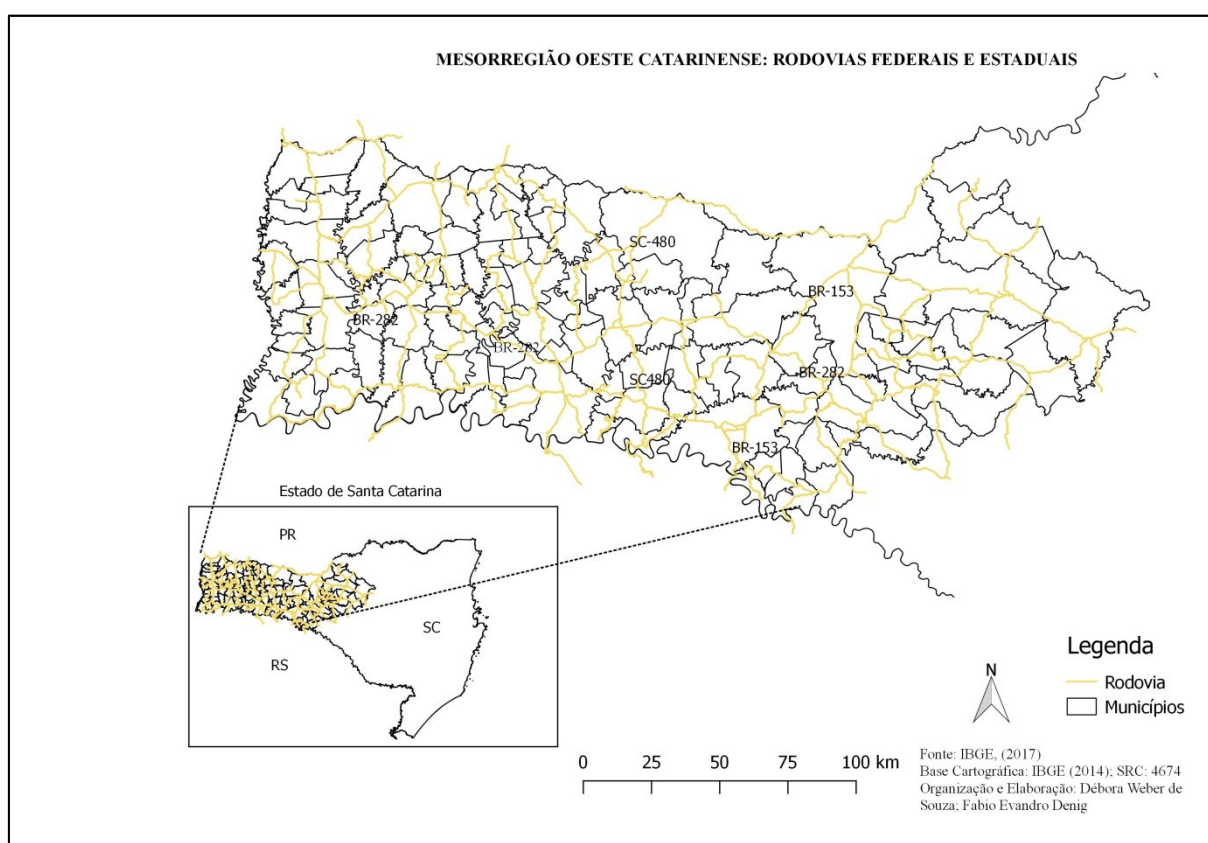
SOUZA CRUZ. Tabaco na história. Disponível em:
http://www.souzacruz.com.br/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DO9YDBC
[K](#). Acesso em: 07/01/2019.

SOUZA, Joel José. BASTOS, Maycon Neykiel. **A formação socioespacial do estado de Santa Catarina, Brasil.** *In:* Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-14.

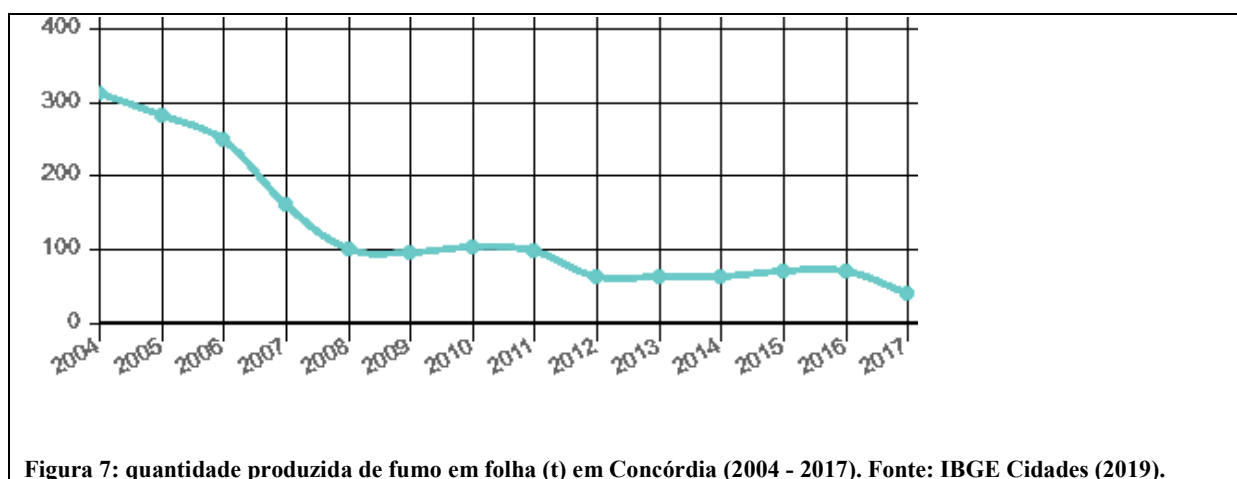
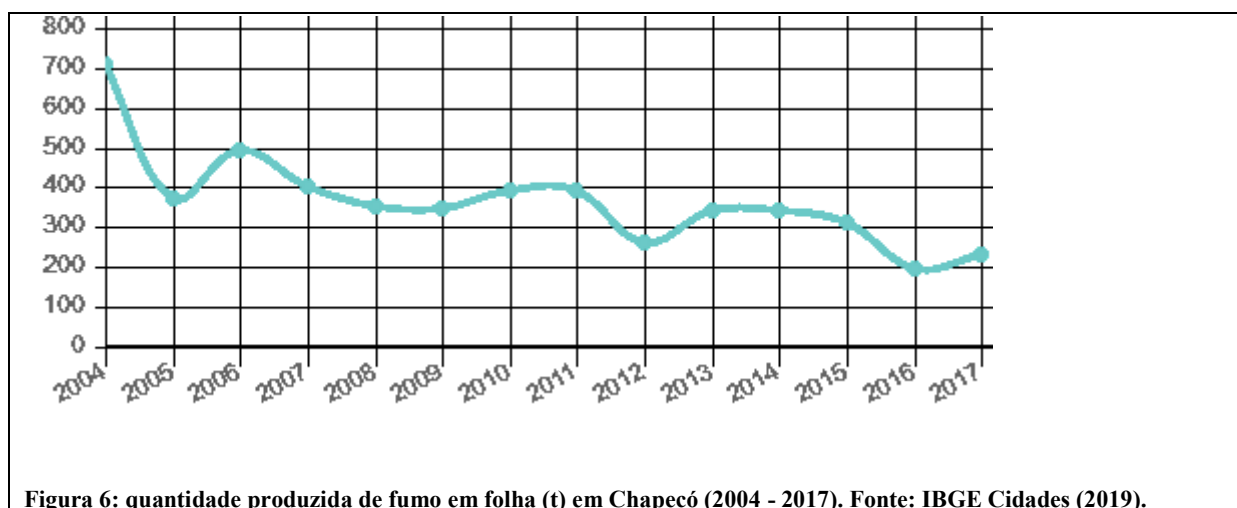
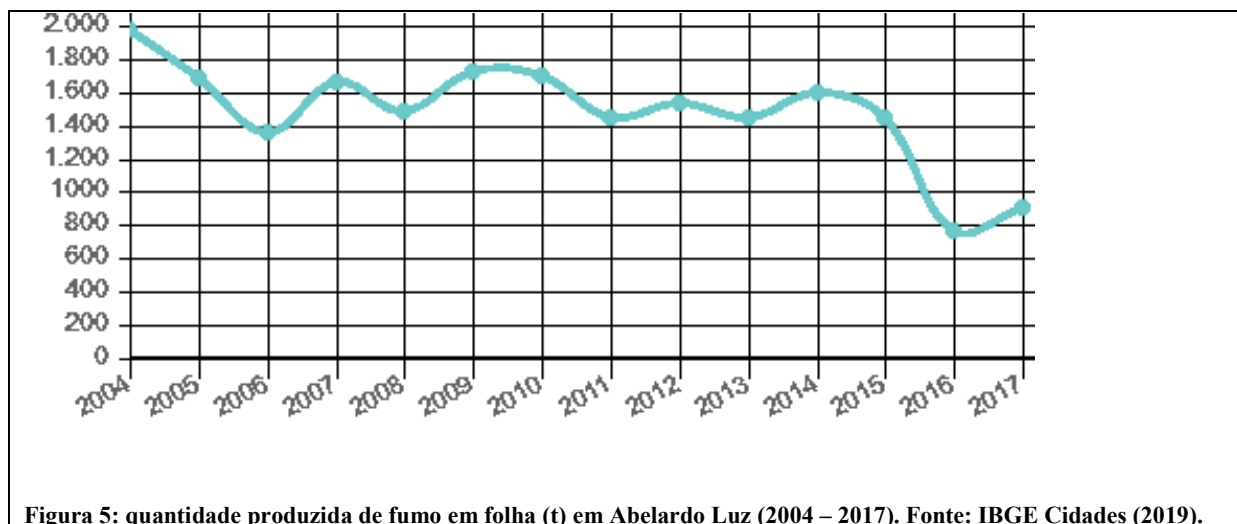
VOGT, Olgario Paulo. **A produção de fumo em Santa Cruz do Sul - RS, 1849-1993.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.

ANEXO I

Anexo 1: Mapa de localização das rodovias federais e estaduais do oeste catarinense.



Gráficos utilizados para melhor compreensão dos dados obtidos através do site IBGE Cidades.



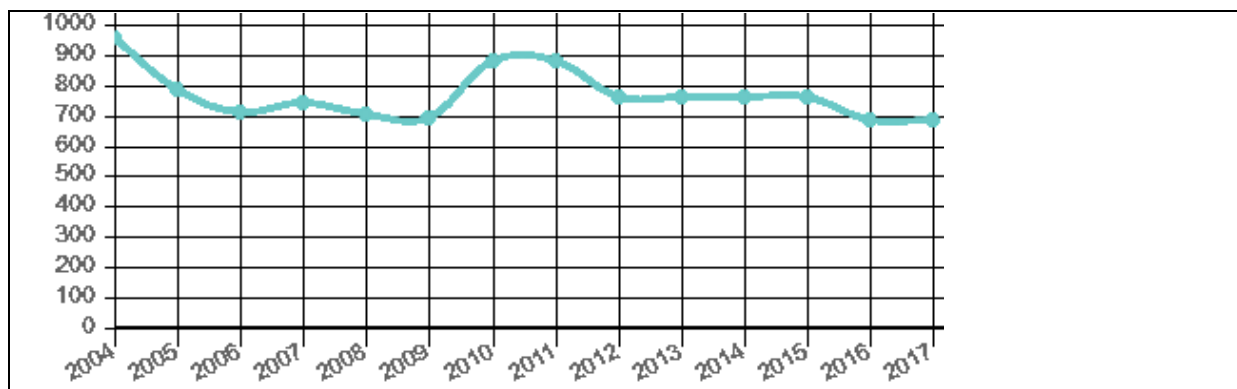


Figura 8: quantidade produzida de fumo em folha (t) em Coronel Freitas (2004 - 2017). Fonte: IBGE Cidades (2019).

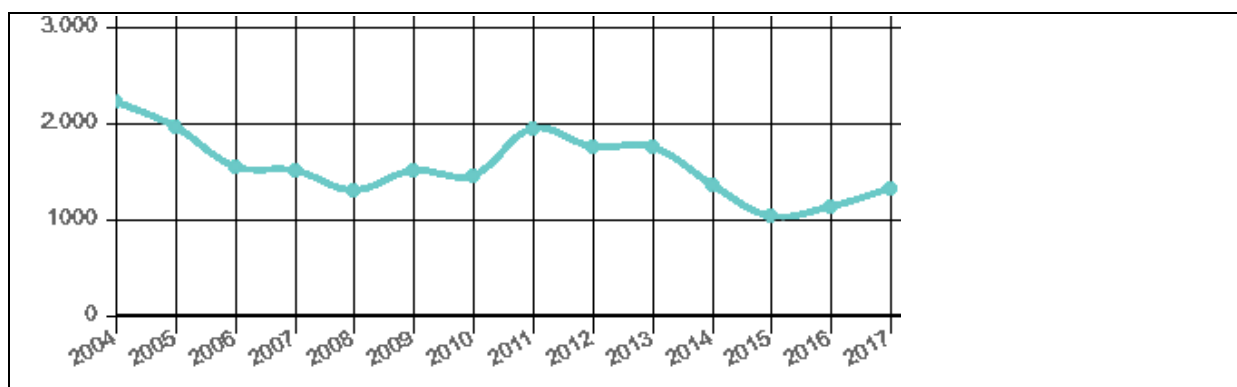


Figura 9: quantidade produzida de fumo em folha (t) em Descanso (2004 - 2017). Fonte: IBGE Cidades (2019).

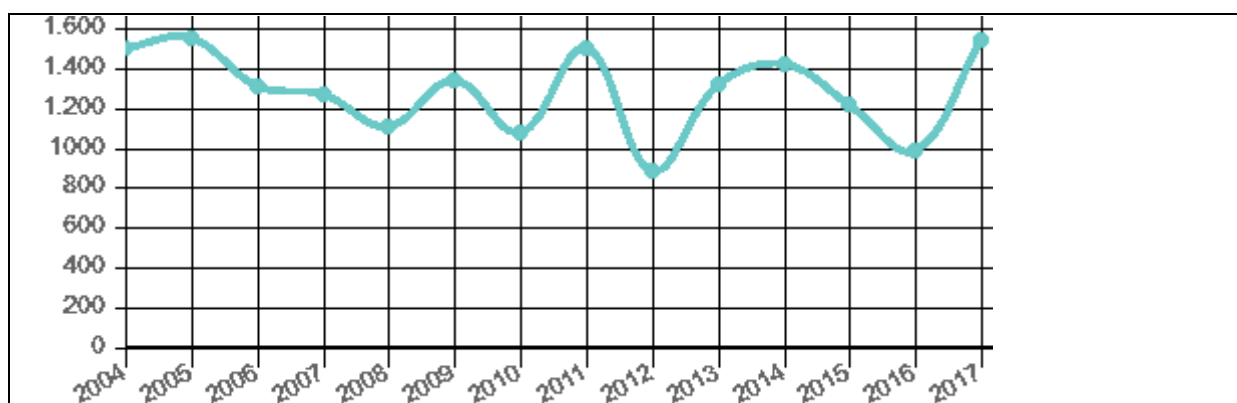
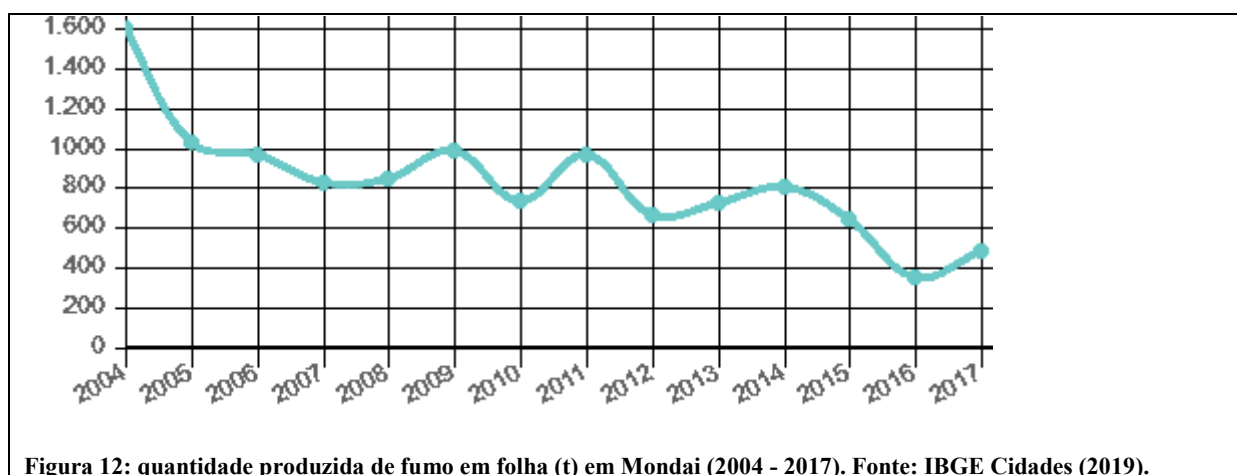
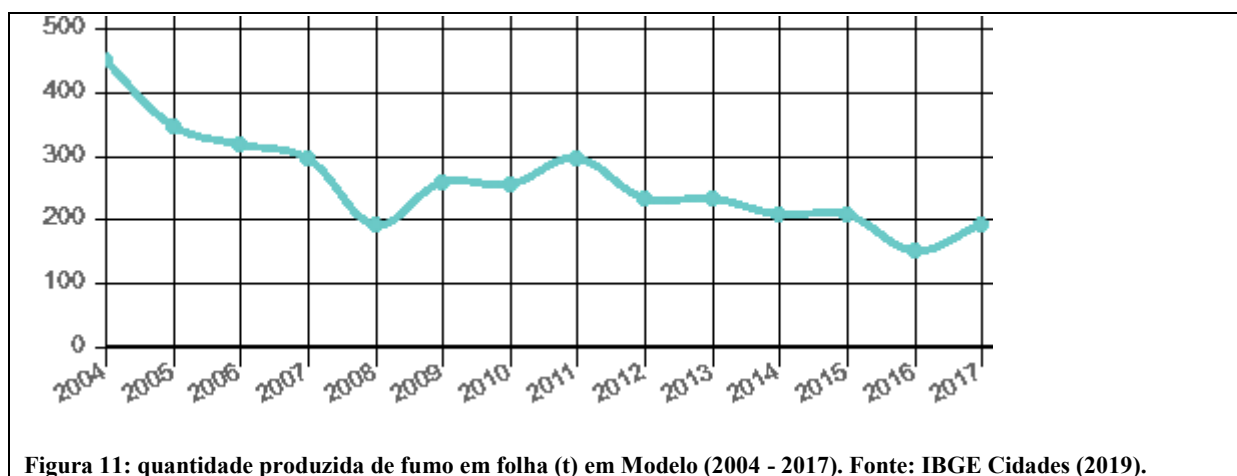


Figura 10: quantidade produzida de fumo em folha (t) em Iporã do Oeste (2004 - 2017). Fonte: IBGE Cidades (2019).



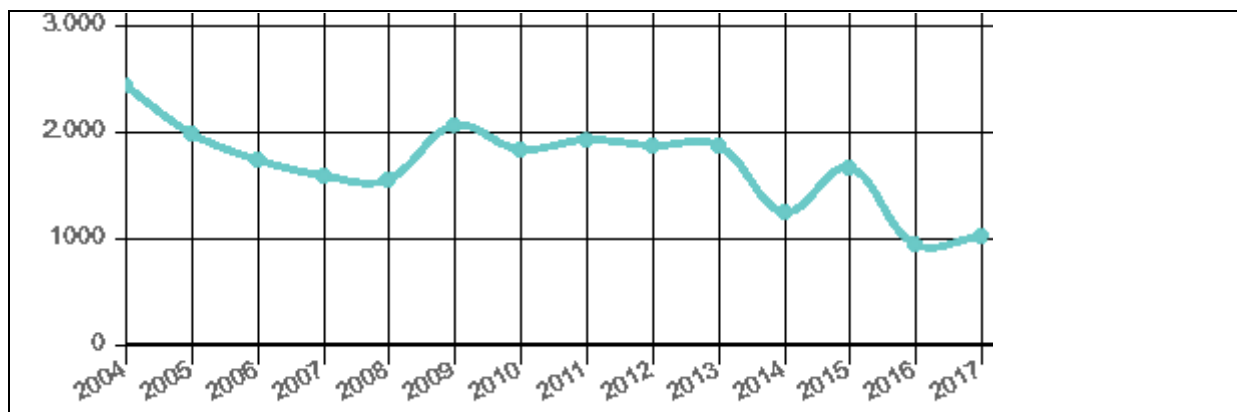


Figura 13: quantidade produzida de fumo em folha (t) em Palmitos (2004 - 2017). Fonte: IBGE Cidades (2019).

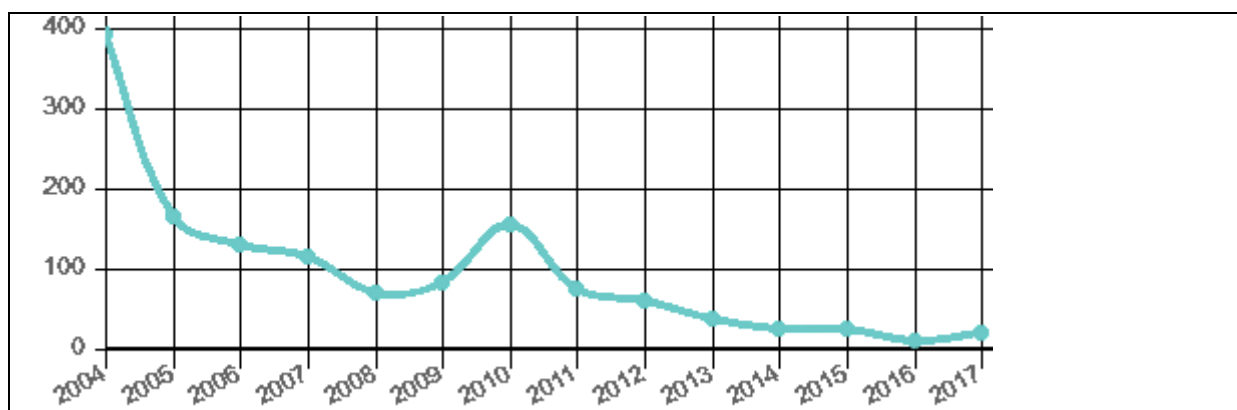


Figura 14: quantidade produzida de fumo em folha (t) em Quilombo (2004 - 2017). Fonte: IBGE Cidades (2019).

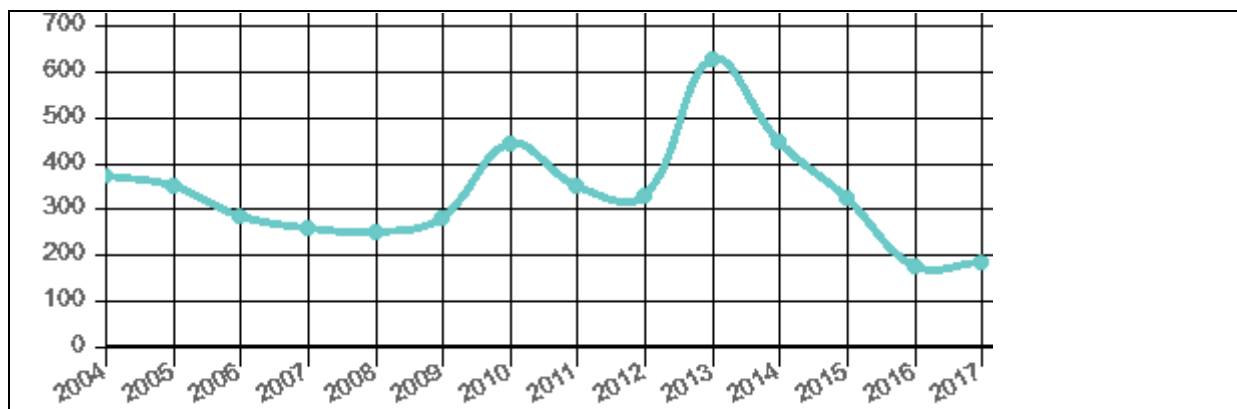


Figura 15: quantidade produzida de fumo em folha (t) em São Domingos (2004 - 2017). Fonte: IBGE Cidades (2019).

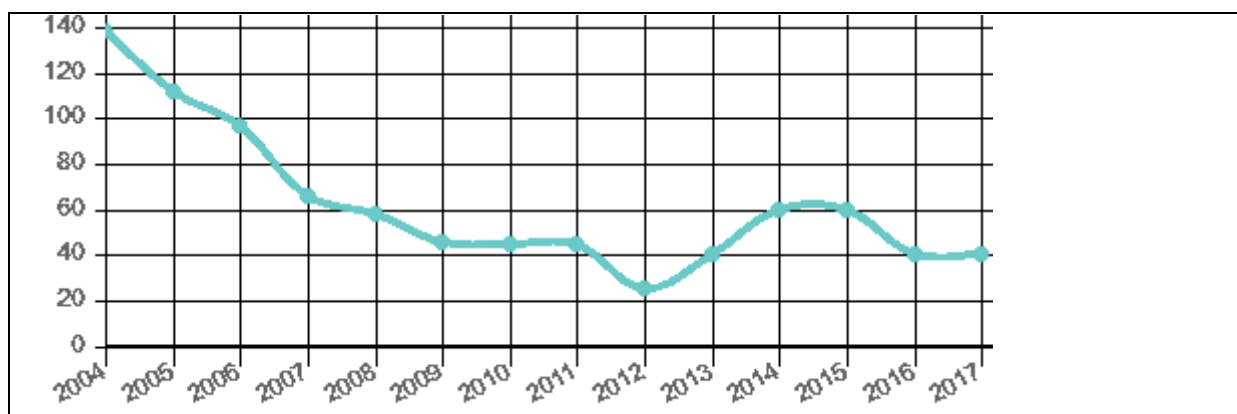


Figura 16: quantidade produzida de fumo em folha (t) em Xanxerê (2004 - 2017). Fonte: IBGE Cidades (2019).

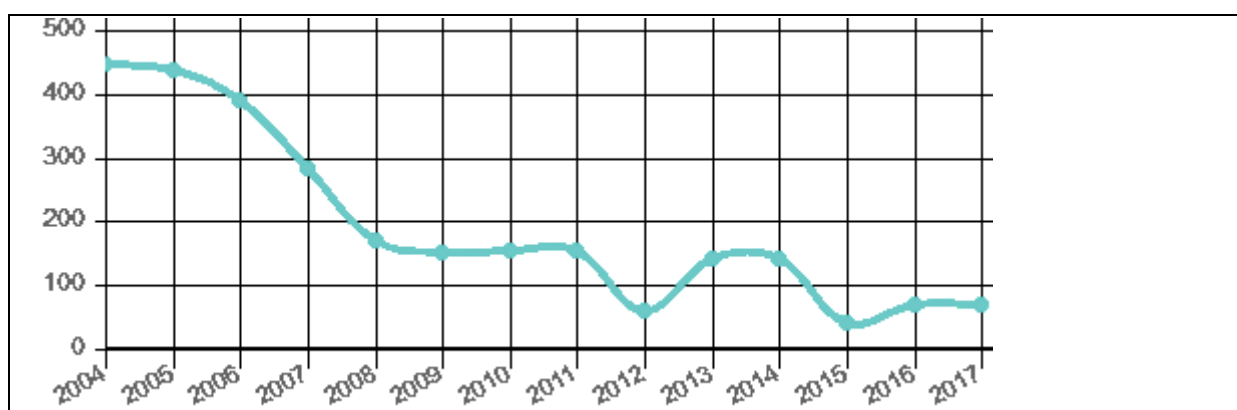


Figura 17: quantidade produzida de fumo em folha (t) em Xaxim (2004 - 2017). Fonte: IBGE Cidades (2019).



diariodoiguacu.com.br

Governo quer estimular a produção de fumo no Oeste

3-5 minutos

Nova Itaberaba – Os números não mentem. Segundo o último levantamento da Associação de Fumicultores do Brasil (Afulbra), Santa Catarina perdeu cerca de 3 mil famílias que desenvolviam o plantio de fumo entre 2007 e 2011. Visitando os poucos produtores que restam na região de Chapecó, o motivo parece claro: o trabalho é grande e as consequências ao corpo maiores ainda.

Na propriedade de Simonei Carlos Terribele, no interior de Nova Itaberaba, o galpão com a planta está em fase de despedida. Em 2013 ele pretende abandonar a atividade e se dedicar somente a produção de gado leiteiro. O término ocorreu gradativamente. Em outros anos ele plantava em torno de 40 mil pés, no ano passado o número caiu para 15 mil. "Cultivei somente até pagar o galpão onde ele fica armazenado", explica.

A decisão não foi fácil para Terribele, já que a atividade começou com o seu pai. Apesar do grande conhecimento em mais de 30 anos como fumicultor, a saúde falou mais alto. "Utilizamos muito veneno no cultivo, sem contar no cheiro", relata.

Além disso, as chuvas do último dezembro prejudicaram o cultivo, contrariando outros setores da agricultura que festejaram cada milímetro que veio do céu. "A chuva veio na hora da seca, o que faz com que o pé de fumo fique úmido e escureça", explica Terribele. Isso contribui para a defasagem na qualidade do fumo, que é vendido conforme alguns critérios de folhagem. "O fumo mais claro recebe mais, o mais escuro menos", complementa.

Balanço diferente

A região Oeste representa 12,5% da produção estadual. A atividade parece ser bem distribuída no território e o governo ainda apresenta números positivos referente ao cultivo. Segundo a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina (Faesc), Santa Catarina é o segundo estado que mais produz o produto no país. Em números isso significa 250.000 toneladas anuais, e dessas, 95% são exportadas.

Fortalecimento na exportação

Buscando fortalecer a atividade, uma missão de técnicos da China visitam, nesta semana, áreas de produção de tabaco no estado, visando a futura liberação das exportações do produto. Atualmente somente o Rio Grande do Sul está autorizado a exportar tabaco aos chineses.

Segundo o vice-presidente da Faesc, Enori Barbieri, as futuras exportações para a China representarão mais um importante marco no fortalecimento da agricultura catarinense. "Não somos bons apenas em exportar carnes. Nosso tabaco está nas primeiras posições da pauta de exportações".

De acordo com Barbieri, a missão chinesa vem com o propósito de avaliar os trabalhos que os técnicos do Ministério da Agricultura e a Cidas realizam para o levantamento de detecção da praga *Peronospora tabacina*, agente causador do "Mofo Azul". Essa praga é considerada restritiva para ingresso do fumo no território Chinês.

Figura 18: reportagem do Jornal Diário do Iguaçu, relacionado ao declínio da produção de fumo no Oeste Catarinense.